



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

BÁRBARA MENEZES DE MEDEIROS FERREIRA

**EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO E O PAPEL DOS INSTRUTORES: uma
leitura psicanalítica.**

BRASÍLIA-DF

2015

BÁRBARA MENEZES DE MEDEIROS FERREIRA

**EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO E O PAPEL DOS INSTRUTORES: uma
leitura psicanalítica.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^a Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida.

BRASÍLIA-DF

2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M Medeiros, Bárbara Menezes de
EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO E O PAPEL DOS
INSTRUTORES: UMA LEITURA PSICANALÍTICA. / Bárbara
Menezes de Medeiros; orientador Inês Maria Marques
Zanforlin Pires de Almeida. -- Brasília, 2015.
120 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) --
Universidade de Brasília, 2015.

1. psicanálise e educação. 2. psicanálise e
trânsito. 3. psicodinâmica do trabalho. 4. psicologia
do trânsito. 5. instrutores de trânsito. I. Almeida,
Inês Maria Marques Zanforlin Pires de, orient. II.
Título.

BÁRBARA MENEZES DE MEDEIROS FERREIRA

**EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO E O PAPEL DOS INSTRUTORES: uma
leitura psicanalítica.**

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª Dr^ª. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida (Orientadora)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB

Prof^ª Dr^ª Claudia Márcia Lyra Pato (Examinadora)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB

Prof^ª Dr^ª Ana Magnólia Mendes Bezerra (Examinadora)
Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha (Suplente)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB

BRASÍLIA-DF

2015

*Dedico este trabalho primeiramente à Deus, à
minha tão querida orientadora Inês Maria, ao
pai do meu filho Filipe Ferreira e ao meu
bebê, que dentro do meu ventre meu deu
forças para realizar este sonho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente àquele, que me permitiu conquistas, ao longo de toda a minha vida, e, não somente nestes anos como estudante do Mestrado em Educação da Universidade de Brasília, Deus.

À minha família, meus primos e minha tia que sempre me motivaram a me dedicar aos estudos. Em especial meus pais, que ao meu lado me ensinaram a viver a vida com dignidade e doaram suas vidas com afeto para que eu pudesse ser hoje quem sou, além de muitas vezes renunciarem seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus.

Aos colegas do mestrado, que compartilharam comigo matérias, diversos trabalhos em grupo, vivências, momentos de crescimento, esclarecimento e escuta, em especial David e Débora.

Às madrinhas que a Universidade de Brasília me deu na graduação: Luana, Thuany, Priscyla, Cecília, com as quais continuo dividindo momentos inesquecíveis que nem o tempo irá apagar.

Aos amados e inseparáveis psicólogos: Carine, Laura, Melissa, Raphaela e Tiago.

Aos proprietários, funcionários e colegas das Clínicas onde atuo e atuei, além das instituições de ensino que passei: Netran e Set Trânsito.

Às amigas da vida inteira, Jéssika, Beatriz, Nathália, Thaianne, Ana Clara, Paula e Layana.

Ao meu melhor amigo, esposo, companheiro, Filipe Ferreira, por segurar minha mão e aceitar os desafios da vida ao meu lado.

À Prof^a Dr^a Cláudia Pato, pelo carinho, consideração, disponibilidade, incentivo e as grandes contribuições na qualificação e nas aulas.

Ao Prof. Dr. Paulo Bareicha, pelo aceite em participar da qualificação e da defesa deste trabalho.

À Prof^a Dr^a Ana Magnólia, pela disponibilidade de participar da qualificação e da defesa deste trabalho, além das grandes contribuições e despertar para outros sentidos antes não pensados para este trabalho.

À queridíssima orientadora Prof^a Dr^a Inês Maria que me acompanha desde a graduação, pela dedicação, incentivo, paciência e carinho, pelas inúmeras reuniões e pelo auxílio nas horas difíceis.

Por fim, à Universidade de Brasília e à Faculdade de Educação, por terem me dado a oportunidade de concretizar um dos meus maiores sonhos, terminando aqui, e se tornando realidade- o mestrado em Educação.

*Eu fui matando os meus heróis aos
poucos,
como se já não tivesse nenhuma lição pra
aprender*

*Eu sou uma contradição
E fuge da minha mão fazer com que tudo o que
eu digo
Faça algum sentido
Eu quis me perder por aí
Fingindo muito bem que eu nunca precisei de um
lugar só meu*

*Memórias
Não são só memórias
São fantasmas que me sopram aos ouvidos
Coisas que eu...*

*Eu dou sempre o melhor de mim
E sei que só assim
É que talvez se mova alguma coisa ao meu redor
Eu vou despedaçar você
Todas as vezes que eu lembrar por onde você já
andou sem mim*

*Memórias
Não são só memórias
São fantasmas que me sopram aos ouvidos
Coisas que eu...*

*Memórias
Não são só memórias
São fantasmas que me sopram aos ouvidos
Coisas que eu
Nem quero saber*

(MEMÓRIAS - PITY)

RESUMO

De acordo com a lei 12.302/10, o instrutor de trânsito é o profissional responsável pela formação de condutores no Brasil. Apesar de ocuparem papel central na legislação, pouco tem se pesquisado sobre os instrutores. Dessa forma, a presente pesquisa propôs-se a investigar e refletir sobre a trajetória de vida pessoal e profissional dos instrutores de trânsito bem como o processo de escolha profissional e as marcas inconscientes que os atravessaram. Participaram da pesquisa doze instrutores de trânsito, sendo dez homens e duas mulheres. Os instrumentos utilizados foram entrevistas autobiográficas e memórias educativas, buscou-se analisar o material produzido a partir da teoria psicanalítica. Os eixos de pesquisa foram elaborados posteriormente com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2001) e Franco (2008), cinco eixos de análise foram definidos: 1-escolha e formação profissional, 2-relação instrutor x aluno, 3-memórias do trânsito, 4-prazer e sofrimento, 5- ensinar a dirigir: facilidades e dificuldades encontradas. A análise dos dados revelou que o trânsito fez parte da vivência destes profissionais desde muito antes da escolha da profissão. Os instrutores ressaltaram experiências marcantes com o trânsito em suas histórias de vida e que de maneira particular influenciaram e atravessaram suas escolhas profissionais. Mesmo sem conhecimento à priori da importância de se considerar a dimensão da subjetividade, os instrutores buscam compreender os aspectos individuais e/ou singulares de seus alunos. Um dado complementar interessante é que não ficou evidenciado nesta pesquisa o preconceito com as instrutoras do sexo feminino. Os instrutores revelaram sentir-se responsáveis não apenas para instruir os condutores, mas sobretudo educá-los.

Palavras-Chave: psicanálise e educação, psicanálise e trânsito, instrutores de trânsito

ABSTRACT

According to Law 12,302 / 10, traffic instructor is responsible for the professional training of drivers in Brazil. Although they occupy central role in legislation, little has been researched about the instructors. Thus, the present study aimed to investigate and reflect on the path of personal and professional life of traffic instructors and the professional selection process and the unconscious brands who crossed them. The participants were twelve traffic instructors, ten men and two women. The instruments used were autobiographical interviews and educational memories, it attempted to analyze the material produced from the psychoanalytic theory. The axes of research were subsequently developed based on content analysis proposed by Bardin (2001) and Franco (2008), five axes of analysis were defined: 1-choice and vocational training, 2-relationship instructor x pupil, 3-memories Traffic, 4-pleasure and suffering, 5-teach driving: facilities and difficulties encountered. Data analysis revealed that the traffic was part of the experience of these professionals since long before the choice of profession. Instructors stressed remarkable experiences with traffic on their life stories and in a particular way and crossed influenced their career choices. Even without a priori knowledge of the importance of considering the dimension of subjectivity, instructors seek to understand the individual and / or unique aspects of their students. An interesting additional finding is that was not observed in this study the prejudices with the instructors women. Instructors revealed feel responsible not only to instruct the drivers, but rather educate them.

Keywords: psychoanalysis and education, psychoanalysis and traffic , traffic instructors

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CTB - Código de Trânsito Brasileiro

PRF- Polícia Rodoviária Federal

CONTRAN - Conselho Nacional de Trânsito

CNH- Carteira Nacional de Habilitação

DETRAN- Departamento de Trânsito

CFC- Centro de Formação de Condutores

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	54
---------------	----

SUMÁRIO

1	AS MARCAS DE CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA PESQUISADORA: MEMÓRIA EDUCATIVA	14
2	INTRODUÇÃO	19
2.1	PROBLEMA	23
3	OBJETIVOS.....	24
3.1	OBJETIVO GERAL	24
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	24
4	CAPÍTULO I - TRÂNSITO E EDUCAÇÃO	25
4.1	EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NO CÓDIGO DE TRÂNSITO BRASILEIRO	25
4.2	APRENDER A DIRIGIR, QUANDO, ONDE E COM QUEM?	28
4.3	PSICOLOGIA DO TRÂNSITO.....	31
4.4	PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DOS INSTRUTORES	34
5	CAPÍTULO II - PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO.....	37
5.1	(IM) POSSÍVEIS CONEXÕES ENTRE PSICANÁLISE E TRÂNSITO	42
5.2	ESCOLHA PROFISSIONAL E A MEMÓRIA EDUCATIVA	45
6	METODOLOGIA	51
6.1	PARTICIPANTES	53
6.2	INSTRUMENTOS	55
7	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	57
8	RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
8.1	Escolha e formação profissional	60
8.2	Relação instrutor x aluno.....	69
8.3	Memórias do trânsito.....	77
8.4	Ensinar a dirigir: facilidades e dificuldades encontradas	86
9	Prazer e sofrimento.....	92
10	(IN) CONCLUSÕES.....	99
	REFERÊNCIAS	102
	APÊNDICE.....	117
	ENTREVISTA AUTOBIOGRÁFICA	117

ELABORAÇÃO DA MEMÓRIA EDUCATIVA	118
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA	120

1 AS MARCAS DE CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA PESQUISADORA: MEMÓRIA EDUCATIVA

"São tantas marcas que já fazem parte do que eu sou agora..."

Hebbert Viana

Confesso que após quatro anos de formação, (re) escrever um memorial educativo, tornou-se mais difícil do que o primeiro que outrora escrevi, na graduação em Pedagogia. Talvez eu esteja um pouco mais madura, talvez agora eu tenho um pouco mais receio de me expor.

Exposição porque para mim escrever é colocar no papel tudo aquilo que me constitui, me completa, me representa tendo em vista o papel central que a educação tem em minha história. (re) conhecer as marcas que me constituíram não é assim tarefa fácil.

Para começar, a visão que eu tinha dos meus pais em 2011 mudou completamente. Sei que, desde a vida intra-uterina, sempre fui muito amada e desejada, mas apenas há mais de dois anos morando fora e casada, a relação com meus pais transformou-se para melhor.

Antes, acreditava que eles foram injustos comigo porque trabalhavam tanto, hoje sinto que fui injusta com eles por não perceber que tudo o que mais queriam era me dar o melhor e me fazer feliz.

Passei vinte e quatro anos julgando os meus pais pela distância, pela ausência, pela cobrança, mas agora consigo compreender que nem só de bons momentos vive uma família. É preciso firmeza, determinação. Apenas hoje compreendo que meu pai, o cara mais simples que eu conheço, possui um dos cargos públicos mais almejados do país e não foi fácil chegar lá. Admiração é muito pouco para expressar o que sinto por ele, gostaria de ter metade de sua inteligência.

Minha mãe é meu porto-seguro, meu tudo e os 10 km de distância que nos separam são terríveis. Também não posso excluir minha tão amada mãe-tia, que sempre cuidou de mim com muito amor e carinho e ainda cuida...Sinto-me honrada por ter duas mães.

Hoje, apesar de ainda não concordar, compreendo o fato de nas inúmeras reuniões de pais da escola, quando criança, só minha tia estar presente. Até nas vezes em que ficava doente na escola, meus pais dificilmente estavam presentes, o trabalho possuía um lugar central na vida deles.

Não posso esquecer de pessoas tão especiais em minha vida: minha avó, meus tios, meus primos e primos-irmãos, meu marido, todos possuem um lugar extremamente importante em minha trajetória de vida.

Quando pequena sempre senti muita vontade de ir para a escola. Não entendia porque meus primos iam e eu não. Já me sentia grande o suficiente para estar na escola. Comecei a estudar aos quatro anos, em 1995. Achava muito chato ter que dividir a atenção da professora com mais um monte de colegas. A única recordação que tenho dessa primeira professora era o seu cabelo curto, igual ao da minha mãe.

Algo que eu gostava na escola era poder sentar com mais três coleguinhas. Era um ótimo momento de socialização, mesmo com a professora pedindo para que fizessemos silêncio o tempo todo.

Minha mãe tinha um certo medo que eu crescesse uma pessoa extramente tímida e achava ótimo quando a reclamação era porque eu estava conversando em sala de aula. Mas, não teve jeito, penso que, as características de personalidade herdadas de meu pai persistiram, sou tímida até os dias atuais.

Nesta minha primeira escola, estudei até os seis anos. A instituição oferecia aos pais dos alunos a opção de pagarem uma taxa para que pudéssemos comer sempre do lanche da escola, embora também pudéssemos levar comida de casa quando desejássemos.

Minha tia sempre preparava o lanche pra mim, mas eu gostava mais do pão de queijo quentinho que os meus colegas comiam. Ninguém entendia como algumas vezes meu lanche ia e voltava intacto...

Até que, um dia, eu estava comendo um cachorro quente quando a professora resolveu abrir a lancheira de um coleguinha que era igual à minha e me desmascarou na frente de todo mundo. Há tempos eu comia o lanche da escola sem ninguém saber. Contaram para minha tia e meus pais pagaram a taxa. Rimos até hoje dessa história, apesar de na época ter sido extremamente constrangedora.

Estudei em outras escolas, mas a mais marcante para mim foi a que estudei no ensino médio: o Galois. Foi lá que aprendi a estudar, a ter métodos de estudos, a ver que eu podia conquistar tudo o que eu quisesse na vida através do estudo.

Meu pai sempre disse que na vida tudo se conquista pelo estudo e com o tempo fui aprendendo que isso era a maior verdade que meus ouvidos podiam escutar.

Alguns amigos, parentes e até meu marido gostam de dizer que sou inteligente, eu gosto de responder que não, que no Galois eu aprendi a estudar e é só isso.

Não existe milagre ou fórmula mágica, apenas estudo e dedicação. Nunca aceitei sentir-me incapaz e decidi que para o meu futuro não aceito ser infeliz profissionalmente.

Entrei na UnB no ano de 2009 e tive bons professores, fiz grandes amizades que permanecem até hoje. Além de Pedagoga tenho também formação em Psicologia. Assim como meus pais. Ambos possuem duas graduações. Esta foi uma marca que (re)conheci ao fazer minha primeira memória educativa em 2011.

No meu memorial da graduação em Pedagogia feito em 2011 escrevi este parágrafo: "Entretanto, no dia do vestibular, indo fazer a prova, sofri um acidente no trânsito. Tinha apenas um mês que havia tirado a carteira. Entrei em choque e decidi que não queria mais mudar de curso." (MEDEIROS, 2011, p. 15)

Nesta época eu pensava em mudar de Pedagogia para Psicologia e uma batida no portão de casa juntamente com o apoio dos meus pais foi o que me fez perceber que poderia cursar duas faculdades simultaneamente.

E é aqui que o trânsito começa a se inserir na minha trajetória de vida... Nunca havia dirigido na vida. Aos 18 anos decidi que iria tirar carteira e era "para ontem". Infelizmente ou

felizmente não sei, o instrutor que me deu as aulas práticas, vendo meu medo de dirigir e total falta de coordenação motora não me ensinou direito o que deveria fazer entre o volante e o banco...

No entanto, determinada como eu sou, no fim das dez aulas, sem saber nem ao menos passar marcha direito decidi que iria fazer a prova prática. O instrutor disse que era melhor não, que o certo era fazer mais dez aulas, que eu não iria conseguir, mas... fui APTA na primeira vez.

Lembro-me bem da expressão de choque que ele demonstrou ao saber o resultado, acho que se sentiu culpado, visto que a partir dali ele nada mais poderia fazer e eu era então um grande perigo para o trânsito brasileiro.

Então as tragédias começaram. Bati no portão de casa (no dia do vestibular para Psicologia) e meu pai decidiu que eu não ia mais poder dirigir até que fizesse mais aulas. Foi aí que conheci um instrutor por indicação de uma amiga que não me deu aulas apenas, me ensinou a dirigir.

Gosto de dizer que aprendi a dirigir na autoescola e quem me ensinou tudo foi este instrutor, ele me ensinou a ter leveza ao pegar no volante, calma, concentração, teve paciência comigo e realmente me transformou.

Não gosto quando presencio pessoas falando mal de instrutores, pois apesar de uma experiência anterior não muito agradável, este senhor foi muito mais que um professor, ele confiou em mim.

Ele me buscava na UnB e íamos para o eixo monumental, demonstrava uma grande confiança e eu ficava abismada em como alguém poderia confiar tanto em mim sem nem me conhecer direito. Assim como alguns professores que temos na escola, este instrutor nunca sairá de minha memória, visto que ele muito marcou minha história de vida.

Tive algumas experiências como Pedagoga, mas que não me completavam enquanto pessoa, não sei explicar, não me sentia feliz, completa, realizada. Então, assim que me formei em Psicologia, pensando nos rumos da vida, em uma conversa com uma amiga, decidimos trabalhar na área de Psicologia do Trânsito.

Essa decisão veio pautada em duas questões importantes, a possibilidade de atuar com testes psicológicos e a remuneração atraente, talvez justa, diferentemente das propostas recebidas para atuar como pedagoga ou psicóloga escolar, infantil.

Em 2014, já no mestrado, viajei para Maceió para fazer um curso de Capacitação de Psicólogo Perito em Trânsito e logo após passei por um processo para credenciamento no Detran-DF. Não posso dizer que foi fácil, mas sei que foi merecido. Depois disso comecei a atuar e atualmente trabalho como Psicóloga do Trânsito.

No início deste ano (2015) finalizei minha especialização em Psicologia do Trânsito e finalmente me sinto realizada. Gosto muito do que faço, busco sempre em meus atendimentos ser bem didática, explicar a real necessidade da Avaliação Psicológica para o Trânsito.

Realizo alguns atendimentos com "fins pedagógicos" e o contato com pessoas que desejam ser instrutores de trânsito, conhecer um pouco a história destas pessoas fez-me lembrar o instrutor que me ensinou a dirigir e com muita determinação desejei escrever essa dissertação.

A Psicologia do Trânsito não se restringe à aplicação de testes e sinto que posso fazer algo mais para contribuir com essa área de atuação que gosto tanto.

Em junho deste ano fui nomeada e tomei posse em um concurso que havia feito para Psicóloga na área escolar e desde então venho trabalhando com atendimentos clínicos no Núcleo de Atendimento Psicopedagógico ao Educando na cidade de Valparaíso de Goiás.

Sinto-me preparada para um novo desafio: tornar-me Mestre. Apesar das dificuldades que encontrarei pelo caminho acredito que conseguirei expressar, nesse trabalho, ainda que, com algumas limitações, a ótima formação que obtive em especial, na Universidade de Brasília.

2 INTRODUÇÃO

No Brasil, o trânsito é considerado um dos piores e mais perigosos do mundo, (DENATRAN, 1997) impactando diretamente na saúde pública do país. A mortalidade decorrente de acidentes de trânsito, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (2010) está entre umas das causas que mais matam no país.

De acordo com a Confederação Nacional do Transporte (2015) um levantamento da Polícia Rodoviária Federal (PRF) no ano de 2014 indicou que nove em cada dez acidentes, nas estradas federais, são causados por falhas humanas. Excesso de velocidade e ultrapassagens proibidas estão entre os principais fatores por trás das colisões que deixam vítimas fatais nas estradas do Brasil.

Diante de tantos acidentes, o trânsito gera inúmeros impactos na saúde pública. Os acidentes de trânsito, além de consistirem em uma das principais causas de óbito, são também responsáveis por importante ocorrência de morbidade, aí incluídas lesões em variados graus de extensão e magnitude, incapacidades permanentes e temporária, sequelas, dor e sofrimento para as vítimas. (OLIVEIRA; MELLO JORGE, 2008).

Uma pesquisa de agosto de 2002, realizada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT) indicou que 62% dos leitos hospitalares destinados à traumatologia são ocupados por vítimas de acidentes de trânsito.

Diante disso e corroborando com as pesquisas realizadas em nosso país percebe-se a necessidade de mudanças através de medidas urgentes, sobretudo educacionais, com o intuito de transformar essa situação.

O (DENATRAN, [on-line]) traz em uma deliberação acerca da educação para o trânsito no ensino regular o seguinte pressuposto:

"Nenhuma ação educativa destinada às escolas deve ter como objetivo formar futuros motoristas. Não existe lei alguma determinando que todas as pessoas devem ser motoristas. E o mais importante: a escola não é um Centro de Formação de Condutores (CFC) e, portanto, o professor não tem obrigação de ensinar conteúdos de direção defensiva, legislação etc."

Percebe-se que, apesar de se tentar levar a educação para o trânsito às escolas, ainda assim a formação do condutor, especificamente, é destinada aos Centros de Formação de Condutores, embora seja muito comum associar a educação para o trânsito com o ambiente escolar, institucionalizado.

Nesta mesma publicação, o (DENATRAN, [on-line]) afirma que a função da escola é analisar, refletir e debater sobre o respeito às leis de trânsito e o espaço público; sobre a convivência entre as pessoas pelas ruas da cidade, baseada na cooperação; sobre tolerância, igualdade de direitos, responsabilidade, solidariedade e tantos outros valores imprescindíveis para um trânsito mais humano.

É notável que diversos trabalhos já estão sendo feitos nas escolas, no entanto pouco tem-se falado e pesquisado acerca dos sujeitos que hoje atuam com o objetivo de formar para o trânsito: os instrutores de trânsito.

Foi feito um levantamento teórico de outros trabalhos com temas semelhantes nas bases de pesquisa Redalyc, Pepsic, Domínio Público, Repositório de Teses e Dissertações da UnB e no Google Acadêmico com as palavras-chaves: instrutor de trânsito, instrutor, educação e trânsito, psicologia e trânsito. Foram encontradas pouquíssimas pesquisas que envolveram instrutores de trânsito.

Neste levantamento, encontramos apenas duas pesquisas relacionadas com o tema deste trabalho a saber: pesquisa de Morch e Balen (2006) intitulada "Opinião de instrutores de trânsito sobre o exame de audiometria na obtenção e renovação da carteira nacional de habilitação" e o artigo de Costa e Paz (2012) intitulada "o instrutor de condutores de veículos como agente de letramento: implicações para o funcionamento do trânsito" apesar de envolverem estes sujeitos as pesquisas não abordam diretamente a formação dos instrutores.

Percebe-se, notoriamente, uma lacuna em relação a essa temática, ressalta-se que devido a originalidade do tema, trata-se de um grande desafio a ser cumprido, entretanto,

acreditamos que esta pesquisa possa de alguma forma contribuir para esta importante e atual discussão, tendo em vista que o trânsito é sem dúvidas, essencial para a nossa sociedade.

No Brasil, para ser instrutor de trânsito é necessário ensino médio completo e certificado de curso específico, a lei que regulamente a profissão de instrutor de trânsito é a 12.302, de dois de agosto de 2010.

Além disto, para o exercício da atividade de instrutor de trânsito é necessário ter, no mínimo, 21 (vinte e um) anos de idade; pelo menos, 2 (dois) anos de efetiva habilitação legal para a condução de veículo e, no mínimo, 1 (um) ano na categoria D; não ter cometido nenhuma infração de trânsito de natureza gravíssima nos últimos 60 (sessenta) dias; não ter sofrido penalidade de cassação da Carteira Nacional de Habilitação - CNH além da participação em curso de direção defensiva e primeiros socorros.

Vale ressaltar que apesar da profissão ter sido regulamentada no ano de 2010, muitos instrutores ainda trabalham como autônomos. Não possuem carteira assinada, jornada de trabalho adequada e direitos trabalhistas de modo geral.

Ainda de acordo com a legislação, no Art 2º da lei 12.302 considera-se instrutor de trânsito o profissional responsável pela formação de condutores de veículos automotores e elétricos com registro no órgão executivo de trânsito dos Estados e do Distrito Federal.

Além disso, dentre as competências do instrutor destacam-se: instruir os alunos acerca dos conhecimentos teóricos e das habilidades necessárias à obtenção, alteração, renovação da permissão para dirigir e da autorização para conduzir ciclomotores; ministrar cursos de especialização e similares definidos em resoluções do Conselho Nacional de Trânsito - CONTRAN, orientar o aluno com segurança na aprendizagem de direção veicular.

Apesar da legislação não reconhecer os instrutores como formadores, educadores ou professores, em seu texto afirma que o profissional responsável pela formação de condutores é o instrutor.

De acordo com o dicionário on-line Aurélio (2010) a palavra instruir significa: 1- Ensinar a fazer algo; 2-Preparar para julgamento. 3-Dar ou adquirir instrução; 4- Fornecer ou obter informações ou esclarecimentos.

Diante desse contexto, neste trabalho consideramos que os instrutores possuem práticas educativas e não somente práticas instrutivas, técnicas. Pois acreditamos que formação, como explícito na legislação, vai além do que simplesmente instruir.

Sabe-se que o conceito de formação é suscetível de múltiplas perspectivas. Para Garcia (1999) a formação pode adotar diferentes aspectos, de acordo com o sentido que se atribui ao objeto da formação, ou a concepção que se tem do sujeito.

Nesta pesquisa, o sentido que daremos a formação está relacionado ao ato de ensinar e dessa forma, buscaremos fazer uma conexão entre trânsito, educação e psicanálise. Defende-se aqui uma relação de educação. Neste sentido, nos traz Kupfer (2001) que ensinar é imprimir marcas simbólicas para que o Outro possa se constituir como sujeito.

Para Freud (1925), três profissões são da ordem do impossível: curar, governar e educar, impossibilidade pois pressupõem o Outro e sua subjetividade. De outro modo, trata-se da impossibilidade de que tudo controlar pois "os resultados serão sempre insatisfatórios" (FREUD, 1937, p.265), o ponto de chegada nem sempre reitera o ponto de partida.

Neste sentido, parafraseando-o emergiu a questão: afinal se a educação é considerada uma tarefa (im) possível, o que pensam os instrutores de trânsito, em relação a formar/educar para o trânsito?

2.1 PROBLEMA

O trabalho do instrutor de trânsito enfrenta diversas dificuldades e dessa forma surgem muitos questionamentos, dentre os quais emerge a questão norteadora:

Como a trajetória de vida e as marcas de memória implicam na escolha profissional de instrutores de trânsito e repercutem em suas práticas educativas?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender como a trajetória de vida e as marcas de memória implicam na escolha profissional de instrutores de trânsito e repercutem em suas práticas educativas.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a trajetória de vida pessoal e profissional de instrutores de trânsito.
- Analisar o processo de escolha da profissão e as marcas inconscientes que atravessam a escolha profissional.
- Conhecer o trabalho pedagógico que o instrutor realiza, sua percepção sobre as facilidades, dificuldades e/ou (im) possibilidades em relação à formação para o trânsito.

4 CAPÍTULO I - TRÂNSITO E EDUCAÇÃO

A educação no trânsito tem fundamental importância, pois surge com intuito de minimizar os conflitos no trânsito e tem como base a prevenção. Para que a prevenção ocorra, é necessária a criação de métodos de precaução que tenham como princípios medidas preventivas e educativas para a segurança viária (Pavarino Filho, 2009).

Segundo Hoffmann e Luz (2007) para a criação de medidas educativas, que são em si preventivas, é preciso entender o homem em sua totalidade, incluindo o meio ambiente o qual está inserido, sua realidade social e o contexto a qual ele pertence.

Dessa forma, a educação para o trânsito surge a fim de facilitar a convivência social entre as pessoas, promovendo um maior entendimento das normas, dos valores, dos princípios, dos hábitos, entre outros fatores que são determinantes para que haja uma boa convivência social.

Segundo Simioni (2007), a educação do motorista, no intuito de torná-lo seguro e preparado para reações adversas é necessária no trânsito, vai depender dos ensinamentos, ou seja, dos métodos educativos pelos quais ele passou até se tornar um motorista, assim como das normas, valores, princípios hábitos que cada indivíduo, segundo Hoffman e Luz (2003), perpassa diante da sua realidade social.

4.1 EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NO CÓDIGO DE TRÂNSITO BRASILEIRO

De acordo com Almeida (1999) no Código Nacional de Trânsito de 1961 a palavra educação aparece duas vezes; o termo campanhas educativas, quatro vezes; a palavra aprendizagem, duas vezes. Assim, o tema educação aparece num total de oito vezes, o que representa pouco mais de 6%, levando em conta os 131 artigos da Lei.

No atual Código de Trânsito Brasileiro de 1997 (CTB), a palavra educação pode ser lida vinte e oito vezes, além de mais 13 palavras e termos correlatos (aprendizagem, campanha educativa, especialização, nível de ensino, currículo de ensino, currículo interdisciplinar, escola pública etc.) que aparecem vinte e uma vezes. O tema é abordado,

portanto, quarenta e nove vezes, o que representa 15% dos 341 artigos da Lei. (ALMEIDA, 1999)

O CTB traz a regulamentação da educação para o trânsito e no Art. 74 a constitui como direito de todos e dever prioritário para os componentes do Sistema Nacional de Trânsito.

Além disso apresenta alguns objetivos prioritários das políticas públicas a serem alcançadas, tais como aumento da segurança no trânsito, a promoção da educação para o trânsito, garantir a mobilidade e acessibilidade com segurança e qualidade ambiental a toda a população, a promoção do exercício da cidadania, a participação e a comunicação com a sociedade e o fortalecimento do Sistema Nacional de Trânsito.

É obrigatória a existência de coordenação educacional em cada órgão ou entidade componente do Sistema Nacional de Trânsito. Os órgãos ou entidades executivos de trânsito deverão promover, dentro de sua estrutura organizacional ou mediante convênio, o funcionamento de Escolas Públicas de Trânsito.

No Art. 75 está descrito que o CONTRAN estabelecerá, anualmente, os temas e os cronogramas das campanhas de âmbito nacional que deverão ser promovidas por todos os órgãos ou entidades do Sistema Nacional de Trânsito, em especial nos períodos referentes às férias escolares, feriados prolongados e à Semana Nacional de Trânsito.

O Art. 76 traz que a educação para o trânsito será promovida na pré-escola e nas escolas de 1º, 2º e 3º graus, por meio de planejamento e ações coordenadas entre os órgãos e entidades do Sistema Nacional de Trânsito e de Educação, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, nas respectivas áreas de atuação.

No entanto, sabe-se que há certo distanciamento entre educação para o trânsito e ensinar placas de sinalização. O CTB não explicita, no entanto, presume-se que se deve aprender sobre cidadania, bons hábitos no trânsito, mobilidade urbana e não apenas as placas de maneira descontextualizada.

Na Semana Nacional do Trânsito, os órgãos gestores trabalham, exaustivamente, promovendo ações educativas: elaboram materiais, mandam fazer camisetas, promovem

seminários... No entanto, é fundamental acreditar que qualquer ação educativa de trânsito – que tenha como objetivo ensinar valores – respeito as normas, aos outros, aos demais usuários, condutores, motociclistas, ciclistas etc. deve ser permanente. E para isso, ações devem ser planejadas, programadas, pensadas e desenvolvidas no decorrer de todo o ano.

Da mesma forma que o direito à educação formal está assegurado a todo cidadão pela Constituição Federal de 1988, a educação para o trânsito está garantida pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB).

A formação de condutores é realizada por instituições específicas para esse fim, autoescolas, e orientada pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB). As escolas de formação de condutores oferecem cursos de cunho teórico e prático, de acordo com o que rege o Código de Trânsito Brasileiro.

Após a conclusão do curso, o futuro condutor procura o Departamento de Trânsito para requerer a Carteira Nacional de Habilitação (CNH). A obtenção desse documento se dá por meio da submissão e aprovação do candidato a uma prova de conhecimentos teóricos (Legislação, infrações, noções de primeiros socorros) e outra de cunho prático. Essas avaliações são elaboradas e aplicadas pelo Departamento de Trânsito (DETRAN) e seguem critérios específicos para cada tipo de veículo (moto, automóvel de passeio, caminhões, ônibus, etc.).

Vale ressaltar, como explicitado acima, que a educação para o trânsito não se resume a formação de condutores. A formação de condutores é uma parte da educação para o trânsito, e é sobre os sujeitos responsáveis pela formação de condutores que iremos tratar neste trabalho.

4.2 APRENDER A DIRIGIR, QUANDO, ONDE E COM QUEM?

Nas grandes cidades brasileiras, quando estão perto de completar dezoito anos, muitos adolescentes sonham em tirar carteira de motorista e se tornarem aptos a dirigir um veículo automotor.

É claro que em alguns centros urbanos onde o transporte público consegue suprir a necessidade de locomoção ou em lugares que se possa resolver grande parte das situações a pé, ou com meios de locomoção alternativos, esse desejo pode ser menos acentuado.

De acordo com o Código de Trânsito Brasileiro (CTB) a idade mínima para obter carteira de motorista é aos dezoito anos de idade, entretanto, existem alguns questionamentos acerca da possibilidade dos adolescentes de 16 anos dirigirem, mas não há ainda nenhum caso registrado em conformidade com a lei no Brasil.

Há inclusive um projeto de lei 571/11, que visa antecipar este direito, desde que o jovem seja emancipado, visto que “um jovem de 16 anos já pode escolher o presidente da República, casar, ter emprego público e praticar tantos outros atos da vida civil de enorme responsabilidade.”.

O tema é ainda bastante controverso, pois se sabe que em alguns casos bem antes dos dezesseis anos os jovens já começam a aprender a dirigir informalmente com os pais, tios, amigos.

A edição de uma legislação especial vislumbra atender à exceção na vida em sociedade, ou seja, a prática de crime. Por outro lado, considerando as implicações sociais inerentes ao ato de dirigir, legalizar a condição de condutor do menor pode representar a criação de um campo potencial do cometimento de crimes, o que do ponto de vista da ética, é no mínimo, polêmico. (OLIVEIRA, 2009, p.16)

Apesar de ser proibido no Brasil dirigir antes dos dezoito anos e configurar infração gravíssima para o dono do veículo e punição de apreensão do veículo, muitos candidatos aprendem a dirigir bem antes, muitas vezes são os próprios pais que os ensinam, com a justificativa de que é melhor aprender com alguém conhecido do que na autoescola.

Podemos refletir que além de estar cometendo um crime ao ensinar um adolescente a dirigir, ao "liberar" o carro para um filho que ainda não completou dezoito anos, os pais estão dando uma "permissão" mesmo que de forma velada.

Nos Estados Unidos é possível adquirir carteira antes dos dezoito anos. Aos dezesseis, o condutor pode obter sua carteira, esta será provisória por dois anos, mas sempre deverá estar acompanhado de um adulto com 21 anos de idade ou mais, seja este habilitado ou não, crianças não podem ser transportadas jamais e o mais importante, sempre durante a luz do dia.

Apesar desta possibilidade, Corassa (2007) em seu livro "Seu Carro: sua casa sobre rodas" aponta que um estudo revelou que o motorista de 16 anos tem uma probabilidade 41% maior de se envolver em um acidente do que um de 17 anos. A faixa de 16 a 17 anos, por sua vez, tem 18 vezes mais probabilidade de morrer em acidentes de trânsito do que adultos entre 30 e 40 anos.

A intenção não é abordar sobre a idade para habilitação e sim, a importância de se pensar sobre os muitos fatores que influem nessas estatísticas, como, por exemplo, a maturidade emocional, social e até aspectos neurológicos.

Aprender a dirigir antes de completar a idade mínima não se faz apenas no ato real de entrar em um veículo e o conduzir, mas como nos apontam Bianchi e Summala (2004) o aprendizado ocorre muito anterior ao momento da autoescola.

O trânsito é um ambiente complexo onde há um encontro entre o pedestre, o motorista, o ciclista e o motociclista e diversos outros atores. O futuro condutor já está inserido no trânsito como pedestre ou até mesmo como passageiro e já possui valores e conceitos sobre o trânsito. Dessa maneira, neste trabalho, iremos falar sobre os instrutores de trânsito.

Formalmente, os sujeitos responsáveis pela formação dos condutores no Brasil são os instrutores de trânsito, eles não são apenas habilitadores. Os instrutores devem possuir ensino médio completo, curso específico de instrutor de trânsito, no mínimo 21 anos de idade e pelo menos um ano de categoria D -condutor de veículos, utilizados no transporte de passageiros, cuja lotação exceda a 08 passageiros, excluindo o motorista.

Não há pesquisas que revelem precisamente quantos homens ou mulheres existem exercendo a profissão de instrutor no Brasil, mas acreditamos ser uma profissão predominantemente masculina.

Antes do CTB de 1997 só existiam aulas práticas de direção nas autoescolas, a figura do instrutor teórico que é responsável por ministrar as aulas teóricas nos CFC'S surge apenas depois da lei e a profissão foi regulamentada treze anos depois, no ano de 2010.

O CTB de 1997 ao trazer em seu artigo 155 que a formação de condutor de veículo automotor e elétrico será realizada por um instrutor de trânsito, dessa forma, infere-se que ao instrutor não basta ensinar a passar a marcha e não é apenas um simples transmissor das leis de trânsito, é sobretudo um ator na conscientização dos cidadãos no respeito à vida nas vias terrestres.

Existem dois tipos de instrutores, os teóricos e os práticos. Os instrutores teóricos são responsáveis pelas aulas teóricas onde são ensinadas normas, leis, sinalização e conscientização sobre o trânsito. Já o instrutor prático, ensina o futuro condutor a dirigir, inserindo-o no contexto completo do trânsito.

As informações passadas em sala de aula pelos instrutores teóricos, não devem ser meramente informativas, mas sobretudo, informações que façam os candidatos refletirem sobre o trânsito e principalmente sobre seus comportamentos. Cabe ao instrutor prático não apenas ensinar a dirigir, mas sim mostrar aos futuros condutores a realidade complexa que estão inseridos e a necessidade de se sentirem responsáveis no trânsito.

Pode parecer simples ser instrutor de trânsito prático de direção, mas, na realidade, este profissional precisa ter paciência com os alunos, saber transmitir em linguagem fácil e de rápido entendimento aos alunos. Para Pereira (2014) a responsabilidade é tripla, pois há de cuidar da integridade do veículo, da segurança do aluno e prestar atenção aos demais condutores, que na grande maioria não respeita mais quem treina no veículo de autoescola.

Já ao instrutor de trânsito teórico se fazem sempre necessárias as atualizações quanto às leis de trânsito para ensinar e dirimir dúvidas dos futuros cidadãos nas vias terrestres.

Dessa forma, delegar ao instrutor a função crucial de formar para o trânsito sem abandonar uma concepção "não-dita" que afirma que aprender a dirigir com alguém conhecido é melhor do que com um profissional e este aprendizado é construído psiquicamente desde quando o candidato é mero passageiro, influencia diretamente no trabalho do instrutor de trânsito. Tendo em vista que este tem o papel de transformar esses aprendizados.

Diante disso, no Brasil, o instrutor de trânsito enfrenta diversas dificuldades no exercício de sua profissão, pois ainda que se prepare para formar um condutor responsável, sem vícios de direção, defensivo, existe aqui uma "impossibilidade" freudiana (não controlam os resultados, que serão sempre insatisfatórios).

O mesmo pode avaliar seu trabalho como algo pouco reconhecido, visto que por vezes seu saber é desconsiderado ou tratado como desnecessário pelos candidatos, consciente ou até mesmo inconscientemente. "Não há aprendizagem sem aquele que é reconhecido como detentor de um determinado saber." (ALMEIDA, 1993,p.32)

Um instrutor de trânsito, no entanto, tal como um professor em sala de aula é capaz de deixar "marcas" em seus alunos pela sua forma de conduzir o veículo, por mais que tenham experiência anteriores à da autoescola e justamente, pensamos que neste ponto sustenta-se o exercício de sua profissão.

4.3 PSICOLOGIA DO TRÂNSITO

Para Rozestraten (1988,p.4) o trânsito "é o conjunto de deslocamentos de pessoas e veículos nas vias públicas, dentro de um sistema convencional de normas, que tem por fim assegurar a integridade de seus participantes."

No entanto, muitas dessas normas não são respeitadas e esse é um dos fatores que leva a alta taxa de acidentes de trânsito no Brasil. De acordo com Mello Jorge et al. (1997) considera-se um alto índice de morte por acidentes de trânsito no Brasil em que os maiores atingidos são indivíduos entre os 5 e os 39 anos de idade.

Segundo Dotta e Dotta (2003) os altos índices de acidentes de trânsito estão relacionados a muitos fatores que vão além das questões de tráfego. Os conflitos no trânsito são reflexo do mau comportamento dos condutores, que diante da procura de sensações, arriscam-se em manobras perigosas nas rodovias.

Em 80 a 90% dos sinistros rodoviários está presente o comportamento dos condutores. Com relativa facilidade é possível detectar dois tipos de comportamento ao dirigir: os que evitam, rejeita ou detestam os riscos e os que apreciam ou amam os riscos. No primeiro grupo estão os condutores prudentes e defensivos, que adoram viver; e no segundo os de comportamento atrevido e ousado ou os que procuram, aceitam e manifestam gosto pelos perigos e revelam desejos camuflados de autodestruição (DOTTA & DOTTA, 2003, p.63)

Segundo Alchieri e Stroeher (2002), Hoffmann (1995), Rozestraten (1988) o estudo do comportamento do condutor não foi, no passado, o território de psicólogos, cuja tendência visava à seleção dos motoristas, mas sim de engenheiros e profissionais da ergonomia.

O comportamento no trânsito é algo que compreende as reações de todas as pessoas que se movimentam, independente de sua idade, condição socio-econômica, nível de instrução, sexo ou profissão. É um campo que envolve grande complexidade de fatores, e por isto mesmo não muito fácil de ser estudado. (ROZESTRANTE, 1981, p.1)

Para Hoffmann et al. (2003) um dos primeiros setores do mundo social do trabalho em que houve a aplicação da Psicologia, realizada ainda por profissionais não especializados, mas precursores neste tipo de empreendimento, foi o setor de transportes, por isso associam como sendo essa a origem da Psicologia do Trânsito.

A Psicologia do Trânsito de acordo com Rozestraten (1981) surge como o estudo científico do comportamento dos participantes do trânsito. Do mesmo modo, Hoffmann (2005) conceitua psicologia do trânsito como o estudo do comportamento do usuário das vias e dos processos psicossociais subjacentes ao comportamento.

Para Ferreira e Meneses (2012) a psicologia do trânsito apresenta-se como uma área recente, quando comparada aos demais campos da psicologia, e a própria história da psicologia do trânsito mostra, em muitos casos ainda tem a avaliação psicológica como o único reconhecimento do seu papel.

De acordo com Oliveira e Vieira (2010) a psicologia do trânsito atua de forma preventiva ao buscar permitir que cada participante chegue com segurança a seu destino, através de uma interação positiva com os demais participantes do meio em que se encontra inserido.

De acordo com Hoffmann (2005) em 1987, Brown, Groeger e Biehl realizaram uma revisão de estudos sobre avaliação da formação dos condutores e concluíram não haver evidências de que essa formação contribua para a segurança.

Ainda de acordo com a autora, só então a formação do condutor, que deveria levar à capacidade de usar o veículo eficientemente e com segurança, dentro dos princípios da cidadania, começa a ser considerada relevante para a segurança na circulação viária.

Uma vez que o comportamento do condutor envolve desempenho, atitude, motivação, personalidade e muitos outros fenômenos, o desafio multidisciplinar é desenvolver modelos e teorias que englobem todos estes processos psicológicos visando sua aplicabilidade para diminuir danos ao convívio social no trânsito. (HOFFMANN, 2005, p.22).

Do mesmo modo, considerando os altos índices de acidente de trânsito e os seus fatores Rozestraten (2003) afirma que devem ser realizadas medidas educativas que considerem as condições sociais, políticas, econômicas, administrativas, educacionais e culturais dos indivíduos, no intuito de diminuir as problemáticas causadas pelo fenômeno do trânsito.

A Psicologia do Trânsito estudando o comportamento humano no trânsito que envolve diversos atores: pedestre, motorista, ciclista, motociclista, futuro condutor juntamente com a educação tem o grande objetivo de contribuir para a transformação do trânsito em um ambiente mais seguro.

4.4 PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DOS INSTRUTORES

O trabalho dos instrutores no Brasil ainda é muito recente, a lei que regulamenta a profissão é do ano de 2010. Nos Centros de Formação de Condutores, onde atuam os instrutores, muitos candidatos almejam apenas a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), desvalorizando o processo educativo e conseqüentemente os saberes transmitidos por estes profissionais, instrutores teóricos ou práticos.

O sentimento de desvalorização pode fazer com que o sujeito adoça, Soratto (2006) revela que as vivências positivas são insuficientes para se contraporem à desvalorização sentida pelo trabalhador.

O trabalho estrutura a identidade dos sujeitos, pois permite a construção de significados para a vida do trabalhador. Quando o trabalho não faz sentido para o profissional, ele adoce. Mendes (1995) nos traz que o trabalho pode ser fonte de prazer ou de sofrimento e de acordo com Dejours (1992) o trabalho precisa fazer sentido para o próprio sujeito, para seus pares e para a sociedade.

Os significados dado ao trabalho para cada indivíduo é próprio, sendo criado a partir das técnicas particulares desenvolvidas por cada sujeito (Dejours, 1992). De acordo com Alborno (2008) é difícil o sujeito moderno dar sentido a sua vida se não for por meio do trabalho, isso ocorre em decorrência do ser humano ser valorizado pelo que faz.

Ainda sobre a centralidade do trabalho em nossas vidas, Lopes (2009) nos traz que o trabalho é uma relação social, histórica e intersubjetiva, ou seja, trabalha-se para dar significado à nossa vida e à sociedade em que se vive. Segundo Barros (2007), trabalhamos para os outros, mas também para nós mesmos.

O trabalho, por ser algo fundamental para o sujeito, é investido pelas pessoas através da possibilidade da construção de sua identidade no social, que em uma seqüência ontológica vem logo a seguir do reconhecimento do fazer. A identidade não pode ser construída fora do social, em espaço privado, sendo através da sublimação que o sujeito busca executar uma atividade socialmente valorizada (CASTRO e MERLO, 2011, p. 476).

Do mesmo modo, Bassani (2010) aponta que é através do êxito no trabalho que o sujeito adquire estima social, ou seja, esta estima deriva das realizações de suas capacidades e habilidades no trabalho.

É notável que o gostar da profissão e a satisfação em exercê-la é algo bastante positivo. Quando se faz o que gosta, o profissional é capaz de criar mecanismos de defesa para lutar contra o sofrimento e buscar o prazer. "A transformação do sofrimento em prazer se torna possível pela interpretação do sentido dado à tarefa." (GERNET, 2011, p. 62).

A autora Drumond (2002) nos traz que o não-reconhecimento do valor econômico e social do trabalho impede a realização pessoal do trabalhador. Se sua atividade profissional não é considerada útil, ou se a ela é considerada útil, mas não necessariamente a pessoa que a realiza, o trabalhador perde a referência, e não consegue ver sentido no que faz corroborando com Dejours (1999) quando revela que o reconhecimento está também relacionado a alguma utilidade econômica, social.

Para Mendes (2007) o reconhecimento é fundamental para a saúde de quem trabalha e para a construção da identidade. Para que o trabalho seja fonte de saúde, é necessário o reconhecimento do esforço e do investimento que o trabalhador faz em sua tarefa. Esse reconhecimento dá sentido ao sofrimento vivenciado pelos trabalhadores (MENDES, 2007, p.45).

Estudiosos como Merlo et al. (2011) expõem que, para que ocorra a preservação da saúde, o reconhecimento torna-se algo fundamental, pois possibilita um equilíbrio entre o desgaste derivado do trabalho e as expectativas de retribuição, proporcionando, assim, ao transformar o sofrimento, realização e prazer.

Para Mendes (2007), o reconhecimento é o processo de valorização do esforço e do sofrimento investido para a realização do trabalho. A vivência de prazer e realização de si advém da possibilidade de construção da identidade do sujeito.

De acordo com Lopes (2009) o sofrimento no trabalho ao invés de desestabilizar o sujeito, passa a produzir um aumento da resistência, fazendo com que se articulem estratégias de enfrentamento e se modifiquem as situações desencadeantes. Para Dejours (2000) é o controle do sofrimento, num movimento de luta contra a ruptura do equilíbrio psíquico e, conseqüentemente, da doença.

Já Freud (1920) nos traz que o sofrimento se configura como uma reação, uma manifestação da insistência em viver em um ambiente que, na maioria das vezes, não lhe é favorável. Vale ressaltar que sofrimento pode gerar o adoecimento, mas há uma diferença fundamental entre os dois conceitos.

De acordo com Brant e Minayo-Gomez (2004) o sofrimento depende da significação que assume no tempo e no espaço, bem como no corpo que ele toca produzindo algo "além do princípio do prazer". Já o processo de adoecimento conduz, como resultado final, à configuração da identidade de trabalhador-doente.

O sofrimento, ao indicar uma resistência à precarização do trabalho, pode funcionar como um mobilizador contra a patologia e a favor da saúde. A busca pelo prazer e pela resignificação do sofrimento é o caminho para a busca da estabilidade sócio-psíquica, e dentre os recursos individuais e coletivos que podem ser mobilizados nesta busca, três ações alimentam o prazer por via direta e indireta: mobilização da inteligência prática, do espaço público da fala e da cooperação. (CARRASQUEIRA & BARBARINI, 2010, p.16).

Por se tratar de uma classe de trabalhadores que teve sua profissão regulamentada há tão pouco tempo e pela falta de estudos no Brasil que envolvam instrutores de trânsito, acredita-se na possibilidade de que esta categoria profissional possa vivenciar situações desgastantes que levem ao adoecimento.

5 CAPÍTULO II - PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

"Nenhuma das aplicações da psicanálise excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças, e nenhuma, por conseguinte, atraiu tantos colaboradores capazes, quanto seu emprego na teoria e prática da educação." (FREUD, 1925, p.307)

A discussão entre a possível conexão entre psicanálise e educação não é atual. Freud já em 1925 no Prefácio à Juventude Desorientada, de Aichhorn, afirmou que “nenhuma das aplicações da psicanálise excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças, e nenhuma, por conseguinte, atraiu tantos colaboradores capazes, quanto seu emprego na teoria e prática da educação”.

Em "Mal-estar na civilização" de 1930, Freud teceu algumas considerações que gerariam mais tarde reflexões acerca da possibilidade ou não de uma pedagogia psicanalítica, dentre as quais destaca-se Catherine Millot em seu livro Freud antipedagogo (1979), no qual aponta não ser possível uma pedagogia psicanalítica tendo como objetivo a cura analítica, ou seja, a resolução do Complexo de Édipo e superação da castração.

Ainda sob o ponto de vista da autora não podemos propor uma pedagogia inspirada no método analítico para transpor a relação pedagógica. Ao reconhecer a educação como um discurso social, a psicanálise propõe um diálogo.

Para Kupfer (2001) do ponto de vista teórico-epistemológico, sabemos que a pedagogia e a psicanálise são duas disciplinas que se opõem em estrutura. São e foram vãs as tentativas de criar "pedagogias psicanalíticas." (p.19)

Freud (1925) deixa claro que a psicanálise não deverá substituir o papel da educação:

"o trabalho da educação é algo sui generis: não deve ser confundido com a influência psicanalítica e não pode ser substituído por ela. A psicanálise pode ser convocada pela educação como meio auxiliar de lidar com uma criança, porém não constitui um substituto apropriado para a educação." (FREUD, 1925, p.168).

A psicanálise não trata das emoções e tampouco do desenvolvimento afetivo. Freud apontou que as emoções ou afetos não sofrem a ação do recalque e, portanto não, se tornam inconscientes. Não existem afetos inconscientes, mas sim representações. Problemas afetivos são diferentes de problemas estruturais.

Para Lajonquiere (1999) não é mesmo possível uma pedagogia analítica, não devemos confundir pedagogia com educação. Educar é uma prática social discursiva responsável pela imersão da criança na linguagem, tornando-a capaz por sua vez de produzir discurso, ou seja, de dirigir-se ao Outro.

Quando um educador educa levando em conta o sujeito, para Kupfer (2001), poderá estar norteado, também, pela ideia de que, embora seu aluno esteja marcado e determinado por inscrições primordiais, que darão sempre o norte de seu percurso pelo mundo, e sobre os quais não pode nada saber, nada de sua aprendizagem será predeterminada.

Para a psicanálise, o sujeito do inconsciente se constitui na e pela linguagem, sendo portanto, feito e efeito da linguagem. A linguagem não é apenas instrumento de comunicação, mas a trama mesma de que é feita o sujeito. (KUPFER, 2001). A psicanálise, desde o princípio, não opera com fatos observáveis, mas com interpretações, com sentidos, com a linguagem.

Quando uma criança está se desenvolvendo, o sujeito está constituindo-se. Estamos falando aqui da construção de uma estruturação psíquica, que não coincide com a do corpo entendido como organismo biológico. De acordo com Kupfer (2001) é pela educação que um adulto marca seu filho com as marcas do desejo, sendo o ato educativo ampliado a todo ato de um adulto dirigido a uma criança.

A autora Kupfer (2001) aponta ainda que o infantil na psicanálise ultrapassa nos seus limites a criança escolar. Ensinar é imprimir marcas simbólicas para que o Outro possa se constituir como sujeito.

O saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal como ele é entendido pela psicanálise: como transmissão da demanda social além do desejo, como transmissão de marcas, como transmissão de estilos de obtenção da falta do Outro.

A psicanálise pode transmitir ao educador uma ética, um modo de ver e entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. (KUPFER, 2001, p. 24).

A partir de uma formulação discursiva o psicanalista supõe o efeito de uma formação que é única e particular ao seu âmbito de reflexão: o sujeito do inconsciente. De acordo com Kupfer (2001) esse sujeito não responde a lógica ou ao tempo da consciência, não se faz regular pelo princípio da realidade e, além do mais, não precisa estar por ela regido.

Segundo Almeida (1994, p. 23-24):

A psicanálise fala de um sujeito dividido: se por um lado há o sujeito do enunciado ou do significado, por outro, há o sujeito que não se significa no enunciado, pois este é o sujeito do inconsciente, sujeito da enunciação ou sujeito do significante. Desta forma, o sujeito do enunciado pensa, raciocina, expressa necessidades, interesses, temores. O sujeito da enunciação, recalcado e inconsciente, deseja.

A psicanálise revela um sujeito em que o enunciado é sempre diferente da enunciação, ou seja, um sujeito em que o seu dito é sempre diferente do dizer. A lógica do enunciado é subjetiva, e a da enunciação é regida pelo inconsciente.

É possível supor que um ensino voltado para o sujeito, que recusa a técnica, que entende a educação como ferramenta para o sujeito do desejo, está submetido aos limites que a psicanálise impõe à sua transmissão, uma vez que não se trata de informar, mas de permitir que um sujeito crie um estilo que trará a marca do sujeito do desejo. "O saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal como ele é entendido pela psicanálise: como transmissão de demanda social além do desejo, como transmissão de marcas." (KUPFER, 1989, p.97)

Tratamos da criança no adulto, ou seja, a criança persiste no adulto a ponto de fazê-lo adoecer. A criança para Freud é um sujeito e possui um inconsciente e não pode ser pensada como alguém cuja construção se inicia no nascimento, mas é possível dizer, bem antes da vida intra-uterina, no desejo dos pais. Por isso, o infantil na psicanálise ultrapassa nos seus limites a criança escolar.

Como afirma Chauvet (2008), na relação escolar, de ensino-aprendizagem, além de respeitarmos a singularidade de cada aluno, é importante considerar que o professor também imprime marcas nos estudantes, a partir do modo como atua pedagogicamente. E aqui está a importância do professor conhecer os enigmas de sua criança interior.

Freud em 1913 fala especificamente do interesse educacional da psicanálise e afirma: "só pode ser educador aquele que é capaz de sentir novamente a vida psíquica infantil." (p.212)

Kupfer (2001) aponta ainda que quando um educador educa levando em conta o sujeito, poderá estar norteado, também, pela ideia de que, embora seu aluno esteja marcado e determinado por inscrições primordiais, que darão sempre o norte de seu percurso pelo mundo, e sobre os quais não pode nada saber, nada de sua aprendizagem será predeterminada. "Um saber que não é tecido a partir do lugar do mestre, mas do saber inconsciente, um saber descentrado que conduz o sujeito, antes de ser conduzido por ele." (MRECH, 2005, p. 27)

A psicanálise acrescenta então à educação a compreensão de uma prática educativa melhor, mas não de controle, não visa ser útil, não visa controlar alguém, enfim é responsável pelo resgate do sujeito. O objeto principal de estudo da psicanálise é o inconsciente composto por representações que "comparecem" na dimensão consciente da subjetividade humana, por isso, o sujeito é clivado, barrado consciente/inconsciente.

Freud (1915 p. 37-38) afirma que os processos inconscientes são atemporais, não são cronologicamente organizados, não são afetados pelo tempo decorrido e não têm nenhuma relação com o tempo, são regidos apenas pelo princípio do prazer. Dentre eles podemos destacar: os lapsos, os atos falhos, os sonhos, os esquecimentos, o chiste, os sintomas. "O inconsciente não é um lugar ou uma coisa. O inconsciente não é o mais profundo, nem o mais instintivo, nem o mais tumultuado, nem o menos lógico, mas uma outra estrutura, diferente da consciência, mas igualmente inteligível." (GARCIA-ROZA, 2009, p. 173).

Representações inconscientes são ideias e imagens que, uma vez tornadas inconscientes, podem insistir em retornar, e o fazem sob forma de sonhos, de atos falhos ou de outras formações inconscientes. Podem retornar inclusive como forma de sintomas. (KUPFER, 2001, p.28).

Freud (1915), em seu artigo *O Inconsciente* justifica a suposição do conceito de inconsciente como necessária e legítima. Necessária porque os dados sobre a consciência têm um grande número de lacunas e é nas lacunas das manifestações conscientes que temos de procurar o caminho do inconsciente. É legítima porque ao se postular essa suposição,

produzem-se artifícios que ajudam a entender como nossa psique opera e lida com diversas questões.

Freud (1915) afirmou ainda que assim como Kant nos advertiu para que não nos esquecêssemos das contingências subjetivas de nossa percepção, e para que não tomássemos nossa percepção como idêntica ao objeto percebido – objeto perceptível, embora de fato incognoscível -, também a psicanálise nos alerta para que não coloquemos a percepção da consciência no lugar do próprio objeto dessa percepção: "o processo psíquico inconsciente. Tal como ocorre na dimensão do que é físico, também o psíquico não precisa de fato ser o que nos parece." (FREUD, 1915, p.24)

Enfim, Freud, por meio da psicanálise, revelou que o ser humano não era Senhor nem em sua própria casa, pois os processos inconscientes denunciam um sujeito dividido, cindido, ignorante de suas próprias verdades, das determinações inconscientes de suas escolhas, pensamentos, atos.

O sujeito do inconsciente é distinto do sujeito cartesiano que tinha uma determinada concepção de sujeito, senhor de si mesmo, pois, pela razão, pela mente, poderia chegar ao conhecimento verdadeiro. O eu cartesiano é a morada da verdade. Para a psicanálise o eu é o lugar do desconhecimento. (SPELLER, 2004 p. 19).

Como afirma Maldaner (2009) a noção de inconsciente revelou que os processos e conflitos psíquicos inconscientes que nos escapam, que desconhecemos, que determinam o que somos, o que fazemos, o que pensamos e como vemos a nós e aos demais, estão presentes em nós e nos outros, interferindo em tudo que eles e nós fazemos, inclusive permitimo-nos afirmar como educadores, no processo ensino-aprendizagem.

Por fim, segundo Kupfer (2001,p.75): “conhecer a impossibilidade de controlar o inconsciente pode levar a uma posição ética de grande valor, pois nos coloca diante de nossos verdadeiros limites, e nos reduz à nossa impotência. Por outro lado, também pode ser um saber paralisante”. Pode, por exemplo, levar o professor a refletir sobre que papel realmente exerce no processo de aprendizagem do aluno e quanto depende dele a possibilidade do estudante aprender.

O instrutor de trânsito, assim como os professores, ao perceber que não consegue controlar seus alunos e que muito foi construído e aprendido antes das aulas no Centro de Formação de Condutores (CFC) depara-se com uma impossibilidade, mas que não deve ser vista como incapacitante, pois embora seus alunos estejam marcados e determinados por inscrições primordiais, o instrutor em sua prática educativa também pode transmitir marcas.

5.1 (IM) POSSÍVEIS CONEXÕES ENTRE PSICANÁLISE E TRÂNSITO

Para Herrmann (2007) a Psicanálise é convidada a decifrar o mundo histórico, individual e coletivo e nos possibilita romper com os muros do consultório padrão e colocar o divã a passeio, ou seja, devolve à Psicanálise o seu estatuto de pensamento sobre a psique humana, independentemente das limitações impostas por um setting padronizado.

Diante desse contexto é possível buscar uma conexão entre a psicanálise e o comportamento humano no trânsito. Fábio Herrmann (1999) pontua:

Do ponto de vista da lógica de concepção do real, entretanto, carros são seres feitos, entre outras afinidades, para atropelar. Não fora assim, seria impensável a coabitação nas ruas de carros e pessoas – que passam a ser chamadas de pedestres. As ruas seriam talvez esteiras rolantes, ou, ainda melhor, andaríamos a pé até o trabalho, que nunca distaria mais que algumas centenas de metros. Quer dizer, a realidade carro é uma representação de certas regras da psique do real, que contemplam com benevolência o atropelamento, desde que a serviço do aumento da produção e do consumo. Este é um campo do real. (p. 147).

Freud (1924) nos traz no texto “A Dissolução do Complexo de Édipo” que embora a maioria dos seres humanos passe pelo complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fadado a findar ao instalar-se a fase seguinte preordenada de desenvolvimento. A destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração.

Para a Psicanálise, o complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais. Boa parte da constituição do sujeito situa-se no campo da cena edípica. Dessa forma, o Édipo é o ponto decisivo da sexualidade humana, a partir do Édipo que o sujeito irá se estruturar, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração.

O complexo de Édipo está articulado com o de castração. A castração provocará a interiorização da interdição aos dois desejos edípicos – incesto materno e assassinato do pai.

A castração dará acesso à cultura pela submissão e pela identificação com o pai, representante da lei que regula o desejo. (SPELLER, 2004, p. 27)

Ao passar pelo complexo de Édipo e pela castração a criança começa a se enxergar do modo que ela realmente é, um ser faltante. Nunca cessarão os desejos, pois são eles que nos movem a viver. A experiência da castração, de perda, da falta, da natureza infindável do desejo, que não tem como se satisfazer; não é um momento que ocorre na infância e não volta mais. É revivida todos os dias de nossas vidas.

De acordo com Bianchi (2007) é neste ponto que encontramos uma intersecção entre trânsito e psicanálise, pois é uma situação de conflito no trânsito que desencadeia o processo de Édipo matar seu pai.

Para a Psicanálise, o complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais pois anuncia a presença irredutível do Outro na constituição do sujeito. (FREUD, 1924)

De acordo com Nasio (1999) o complexo de Édipo marca o apego da criança àquele dos pais que é do sexo oposto ao dela e sua hostilidade para com o do mesmo sexo. Na primeira etapa da formação do Édipo, reconhecemos dois tipos de ligação afetiva do menino: um apego desejante pela mãe considerada como objeto sexual, e sobretudo um apego ao pai como modelo a ser imitado.

"Ou seja, ao mesmo tempo que o menino odeia o pai, sob o efeito combinado da ameaça de castração proferida pelo pai e da angústia provocada pela percepção do corpo feminino, privado do falo, o menino acaba renunciando a possuir o objeto-mãe." (NASIO, 1999, p.64)

Dessa forma, Bianchi (2007) faz a analogia que os conflitos de trânsito podem ser explicados como uma busca de poder, de sobrepujar o outro, figura simbólica do pai. Mostrar-se o mais forte, ou o mais corajoso, ou o mais rápido, pode ser interpretado como uma busca de superação do pai internalizado, tendo em vista que este pai no passado contribuiu para o sentimento de angústia de castração. Cereser e Moniz (1997) destacam que 80% dos acidentes ocorrem por fatores humanos, dentre eles, o comportamento infrator.

Em outro artigo, Bianchi e Summala (2004) investigaram se o estilo de dirigir dos pais podia influenciar o estilo de dirigir dos filhos. O resultado da pesquisa indicou que o comportamento de direção auto-relatado pelos pais quanto a erros e infrações explicava uma parte significativa do comportamento de direção dos seus filhos.

É possível compreender a realidade do trânsito brasileiro como uma situação de tendência ao princípio do prazer, sendo este princípio de acordo com Freud (1920) uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer.

Para Freud (1920) o princípio de prazer decorre do princípio de constância, trata-se de uma tendência que embora seja contrariada por outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer, diante disso é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. "Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo." (FREUD, 1920, p.3).

Diante deste contexto é possível comparar o comportamento humano imprudente no trânsito também com o princípio do prazer pelo fato deste ser ineficaz e perigoso, pois sabe-se que "o princípio de prazer do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo é ineficaz e até mesmo altamente perigoso." (FREUD, 1920, p.5)

Considerando a proposta freudiana e os dados das pesquisas em trânsito supõe-se que o comportamento do motorista não é totalmente aprendido nos CFC. O aprendizado, segundo estudo de Bianchi e Summala (2004) é anterior a este momento. Entretanto, acredita-se na possibilidade deste comportamento ser transformado na relação instrutor x aluno.

5.2 ESCOLHA PROFISSIONAL E A MEMÓRIA EDUCATIVA

As escolhas profissionais fazem parte da vida de todos. Uns desde pequenos já sabem o que “querem ser quando crescer” outros vivem buscando algo que os identifiquem na vida adulta.

A profissão que o sujeito escolhe exercer faz parte de sua existência e da forma que se constituiu, visto que quando vamos nos apresentar para alguém, geralmente nos descrevemos primeiramente com nossa profissão: “sou professor, sou dentista, sou psicólogo, sou instrutor de trânsito.” "A 'escolha profissional', portanto, aparece como uma das questões mais significativas em nossa vida, pois ao escolher uma profissão, escolhemos não só o que fazer: mas sobretudo, quem Ser." (LARCEDA, SEGUNDA, 2011, p. 42)

De outro modo, sabe-se que nem sempre temos possibilidades de realmente escolher uma profissão dos sonhos. Condições sociais, investimentos e diversas outras questões influenciam este processo. Ressalta-se que para ser instrutor de trânsito é necessário ensino médio completo e sabe-se que para essa escolaridade há muitas escolhas, mas que nem sempre são desejadas.

Entretanto, algo motivou estes sujeitos a optarem por essa profissão, por mais que não tenha sido realmente escolhido o que iremos investigar aqui é sobretudo o que os moveu, os mobilizou a tornarem-se instrutores de trânsito.

Dessa maneira, iremos buscar conhecer a história de vida desses sujeitos a partir das memórias educativas a fim de compreender este processo de escolha. Conhecer a história de vida é um método investigativo bastante utilizado em pesquisa nas ciências humanas e desde os primórdios na teoria psicanalítica.

Há uma diferenciação entre o vivido e aquilo que se inscreve no psiquismo. O sujeito da psicanálise está sempre no sentido da retroação. A realidade psíquica não age pela linearidade temporal. De acordo com Tanis (1995) a memória guarda a capacidade de resgate do tempo histórico, mas não como um tempo passado, sim como um tempo inscrito nas “entranhas” do atual.

Muitas vezes a escolha profissional se dá em um processo identificatório. Para Freud (1921) a identificação é um mecanismo psicológico pelo qual o sujeito humano se constitui. Ainda sobre a identificação, Guimarães e Celes (2007) nos trazem que a identificação é um processo indispensável para a constituição do humano, ou seja, é por intermédio da identificação que a relação com o outro efetiva-se em busca de individuação e de socialização.

Nesse sentido, Freud (1921) afirmou que a identificação compõe a forma mais primitiva de se expressar vínculo emocional com outra pessoa. Na identificação há um empenho em moldar o próprio ego de acordo com a característica do indivíduo que foi tomado como modelo.

Já Teixeira (2003) aponta que a história de vida é uma narrativa de si mesmo, como fonte de pesquisa é privilegiada por ser um espaço de construção subjetiva. Sua interpretação será feita a partir do aporte psicanalítico, uma vez que se considera a subjetividade do sujeito.

Freud utilizava-se da história de vida de seus pacientes em seus respectivos tratamentos. O aporte freudiano mostra como a memória age na base da causalidade psíquica, como produz e organiza o presente, e sua dependência ao aspecto pulsional envolvido. Para Freud (1900) é perfeitamente verídico que os desejos inconscientes permanecem sempre ativos. Representam caminhos que sempre podem ser percorridos, toda vez que uma quantidade de excitação se serve deles.

A memória ocupa um lugar central na teoria freudiana, pois segundo Freud (1900, p.547): "em nosso aparelho psíquico, permanece um traço das percepções que incidem sobre ele. A este podemos descrever como "traços mnêmicos", e à função que com ele se relaciona damos o nome de "memória".

Freud se interessava pelas origens (o UR), ou seja, o modo pelo qual o psíquico registra ao mesmo tempo em que se constitui pelas experiências infantis mostra a eficácia

dessas experiências e sua força viva no presente. Tempo e memória são constitutivos da experiência subjetiva: a memória não se faz presente de uma só vez.

Os registros representam conquistas sucessivas das fases da vida, isto é, "o aparelho psíquico não é dado desde as origens, ele e suas instâncias obedecem a um processo de constituição, que não é exclusivamente maturativo, mas dependerá das experiências do sujeito." (TANIS, 1995, p. 46) .

O tempo está muito presente nas histórias autobiográficas, pois uma autobiografia nunca está estática numa narrativa linear, mas estará sempre reelaborada numa simples sequência de tempo, porém composta de contínuas reestruturações de eventos passados. A memória aparece como enraizada no passado, mas sua elaboração se dá no presente e para responder questões do presente. (PEREIRA, 2011, p.1)

A dimensão histórico-infantil encontra-se presente como argamassa na compreensão do sujeito e da própria teoria psicanalítica. O infantil não é o conjunto de imagens da infância. Refere-se ao "momento" estrutural da organização subjetiva, em que o sujeito se encontra frente ao desejo que o determina. Configura-se como núcleo introjetado de experiências reais e corresponde a parte da vida psíquica separada do restante pela repressão. (PRAZERES, 2007).

De acordo com Seixas (2002) a memória, não é apenas uma parada no presente, um resgate do passado, recalque, ilustração, mas sim, um prolongamento do passado no presente, portanto ela não é progressiva, é passado que nunca passa.

Já as memórias educativas de acordo com Almeida (2004) são narrativas de um sujeito psíquico constituído em suas relações humanas e sociais. Trata-se de um dispositivo que exprime a dimensão histórica do sujeito e das vicissitudes do seu processo de formação, sendo importante para a compreensão da prática docente e da sua dimensão inconsciente.

Atualmente, diversos estudos tem sido realizados utilizando-se a memória educativa como dispositivo de pesquisa, em especial trabalhos com professores. No ano de 1996, no Projeto Orgânico de Licenciaturas para a Universidade Aberta do DF – UNAB/DF o dispositivo original da memória educativa que inspirou esta pesquisa foi criado pelas

pesquisadoras Inês Maria M. Z. Pires de Almeida e Maria Alexandra M. Rodrigues com o intuito de romper com as concepções dicotômicas dominantes e com o objetivo de produzir uma nova relação com a subjetividade do conhecimento científico, inserindo novamente o sujeito nesse processo.

Desde então, diversos pesquisadores tem utilizado a memória educativa como dispositivo de pesquisa tendo em vista que o efeito que se produz: o tempo da memória vai atualizando as marcas e dando um novo sentido a essa história. Resgata-se nesse processo os vestígios das marcas vividas e ressignificadas na atualidade.

De acordo com Souza (2008) o processo de escrita possibilita ao narrador conectar-se com sua singularidade e mergulhar na sua interioridade, tomando consciência de si.

A autora Almeida (2003, p.5) nos traz ainda que a memória em toda sua complexidade guarda consigo a capacidade de resgatar o tempo-história, não como um tempo passado, mas como um tempo inscrito nas entranhas do atual:

[...] “reconhecer os laços com a história de vida do sujeito e os desafios enfrentados com as complexas relações.”

[...] “é reconhecer que esta se situa na fronteira entre a objetividade e subjetividade por isso a exigência de estar atento à polifonia e às formas com que as lembranças são construídas”.

[...] “*escavar, remover* o lixo encobridor da história individual do sujeito permitindo que, ao falar de seu passado, possa atribuir significação ou re-significação de vivências na experiência atual”.

Através da escrita da memória educativa é possível vivenciar um processo pelo qual o sujeito faça as pazes com a criança que está dentro dele. "O tempo e memória são elementos constitutivos da experiência subjetiva com os quais nos defrontamos em nossa existência, é a perspectiva histórica na compreensão do sujeito e da própria teoria psicanalítica." (TANIS, 1995, p.42)

A partir da memória, o sujeito pode dar conta de “contar” sua história, relembrar momentos que o fizeram ser o que é enquanto pessoa e os motivos que o levaram a escolher a profissão de instrutor de trânsito, por exemplo, (re) significando suas vivências e experiências. "O que se pretende, não é recuperar o passado exatamente como aconteceu, mas entender a interferência destas lembranças nos comportamentos e valores dos sujeitos na atualidade."(KENSKI, 1998, p.13)

Nóvoa (1992) aponta que a identidade não é um dado adquirido ou um produto, mas um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão, ou seja, a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como indivíduos quando exercemos o ensino.

Neste trabalho, buscaremos compreender como a trajetória de vida e as marcas de memória implicam na escolha profissional de instrutores de trânsito e repercutem em suas práticas educativas. Para tanto, utilizaremos o dispositivo da memória educativa, sendo esta uma narrativa, onde o sujeito, ao recordar de sua trajetória, toma consciência das suas próprias experiências e das marcas que ficaram impressas no inconsciente.

Para Bueno (2002), o sujeito ao reconstruir seu itinerário de vida realiza uma reflexão quando rememora o seu passado e a partir disso toma consciência de si, portanto, o caráter formativo do método, reside nessa tomada de consciência de suas experiências sejam elas negativas ou positivas, as quais possibilitam rever certos pontos de atuação enquanto instrutor.

Na escrita da memória, pensamos que a psicanálise possa revelar um sujeito em que o enunciado é sempre diferente da enunciação, ou seja, um sujeito em que o seu dito é sempre diferente do dizer. A lógica do enunciado é subjetiva, e a da enunciação é regida pelo inconsciente. Para Bertaux (2010, p. 60):

As narrativas de vida, não é para compreender essa ou aquela pessoa em profundidade, mas para extrair das experiências daqueles que viveram uma parte de sua vida no interior desse objeto social as informações e descrições que, uma vez

analisadas e reunidas, ajudem a compreender seu funcionamento e dinâmicas internas.

Por fim, neste trabalho, acreditamos que os instrutores de trânsito são educadores, que escolheram como profissão formar condutores. A memória educativa como dispositivo nesta pesquisa será utilizada pelo reconhecimento do lugar que eles ocupam como profissionais-educadores.

6 METODOLOGIA

Nessa pesquisa utilizaremos o aporte psicanáutico, ressaltando que não se pretende "propor" uma análise dos sujeitos participantes, mas possibilitar aos instrutores de trânsito que enriqueçam reflexões sobre suas práticas. A partir de novo "olhar" sobre si mesmos, da constituição de sua subjetividade, enquanto pessoal/profissional.

De acordo com Safra (2001) a Psicanálise surge não só como abordagem terapêutica, mas também como um método de investigação, inicialmente bastante subordinada ao projeto científico. "A Psicanálise age na sua mais própria eficácia gerando resistências porque é necessariamente um saber subversivo, uma experiência do inconsciente e a 'verdade' que promove contraria a ordem estabelecida." (FIGUEIREDO, 2001, p.1)

É possível compreender porque a Psicanálise coloca em questão a suposta objetividade, o cientificismo. Possibilita uma forma diferente de enxergar o homem, pois o compreende como um sujeito dividido, um homem que está sendo desmanchado. O sujeito na Psicanálise é dividido porque o inconsciente o atravessa todo o momento.

O homem não é uma totalidade em nenhuma linha psicanalítica. Nunca o sujeito pode afirmar algo de si mesmo. Há sempre um para-além representado pelo inconsciente. A Psicanálise sempre desmancha, desconstrói o objeto das ciências humanas: o homem em si mesmo.

A Psicanálise é um saber e uma prática profundamente perturbadoras que produzem inevitavelmente resistências. Por outro lado e paradoxalmente, e isto é o que é interessante, ela também contribui para uma proliferação de demandas de... presença da Psicanálise. São demandas que vêm das mais variadas instâncias, que vêm da mídia, que vêm das escolas, das várias instituições ligadas ao trabalho, do atendimento à saúde, e assim por diante. Essas demandas crescem, elas proliferam no solo fértil da desorientação, da perplexidade, do desamparo, característicos das sociedades contemporâneas. (FIGUEIREDO, 2001, p.1)

A psicanálise é vista então, não como uma das ciências do homem, mas como a outra das ciências do homem, ou seja, a crítica das ciências do homem, pois a clivagem do sujeito (sujeito dividido) inspira e fundamenta seus estudos.

A psicanálise é um outro modo de fazer ciência. De acordo com Safra (2001) os trabalhos produzidos a partir desses princípios surgem como textos que se articulam em um determinado estilo, característico de seu autor. São trabalhos que possuem uma coerência interna e uma organicidade que apontam o rigor de seus autores.

Ainda de acordo com o autor Safra (2001) o rigor é dado na pesquisa em psicanálise, principalmente, pela fidelidade aos princípios que norteiam a prática da investigação psicanalítica. Há também uma exigência que o pesquisador seja ético, autêntico e busque possíveis contribuições do seu trabalho para a sociedade, como aponta este autor:

O fato de serem trabalhos que não utilizam a metodologia tradicional, caracterizada pela dicotomia sujeito-objeto, controle de variáveis, não os torna menos rigorosos, pois eles são também feitos com rigor, em uma outra perspectiva. Neles o rigor é dado, principalmente, pela fidelidade aos princípios que norteiam a prática da investigação psicanalítica (SAFRA, 2001, p. 175)

Freud (1937) no texto intitulado "Análise terminável e interminável" coloca uma perspectiva fundamental para se pensar a investigação em psicanálise. O método psicanalítico é posicionado não na busca de um objetivo determinado ou de algo a ser concluído, mas como um procedimento processual.

Um princípio fundamental da investigação em Psicanálise é que se trata de um processo investigativo, não conclusivo. A psicanálise traz uma modelo de pesquisa que se afasta da dicotomia sujeito x objeto e introduz a relação sujeito x sujeito, onde a subjetividade tem um lugar fundamental na investigação.

Dessa maneira, fornece à ciência um modelo de investigação que é intersubjetivo, pois leva em conta inclusive a subjetividade do pesquisador, que comparece desde a definição do tema e permanece durante todo o processo.

Kupfer (2001) nos traz que a psicanálise pode transmitir ao educador uma ética, um modo de ver e entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. "O saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal como ele é entendido pela psicanálise: como transmissão de demanda social além do desejo, como transmissão de marcas." (KUPFER, 2001, p.118).

Acima esclarecemos teoricamente a fim de esclarecer o porquê desta pesquisa não se apoiar na dicotomia sujeito x objeto, tampouco valorizar respostas objetivas. A metodologia de pesquisa neste trabalho que tem com base o aporte psicanalítico busca (re)conhecer os processos intersubjetivos em sujeitos que são sobretudo atravessados pelo inconsciente.

6.1 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa doze instrutores de trânsito, utilizando-se como critério de participação que o instrutor estivesse trabalhando na área há pelo menos um ano. A idade mínima para participação na pesquisa era 21 anos.

Os sujeitos foram selecionados aleatoriamente a partir do critério proposto e da resposta deles à apresentação da pesquisa tanto pessoalmente quanto on-line, ou seja, aqueles que aceitaram a proposta e participaram de todas as etapas foram os selecionados.

Não houve distinção de gênero para participar da pesquisa, o convite foi feito tanto para homens quanto mulheres.

À guisa de ilustração apresentamos dados demográficos no quadro 1, abaixo, relacionados aos sujeitos que participaram da pesquisa.

Em relação gênero dos sujeitos, participaram da pesquisa 2 mulheres e 10 homens. As idades dos participantes variam de 32 a 60 anos, tendo como idade média 39 anos. O tempo de experiência varia de 1 a 34 anos, tendo como média 9,5 anos. Em relação à escolaridade, três instrutores possuem Ensino Superior Completo, um está cursando Ensino Superior e oito possuem Ensino Médio Completo. Dois instrutores atuam com aulas teóricas e práticas e dez apenas com aulas práticas.

Vale ressaltar que os nomes que serão apresentados são fictícios a fim de preservar a identidade dos participantes.

Quadro 1: Características sociodemográficas dos sujeitos participantes.

SUJEITOS						
Nome	Idade	Cidade Natal	Estado Civil	Escolaridade	Modalidade	Tempo de atuação
1. Wesley	32 anos	Brasília-DF	Solteiro	Superior	Prático	1 ano
2. Mauro	40 anos	Volta Redonda-RJ	Solteiro	E. Médio	Prático	2 anos
3. Aline	37 anos	Jequié-BA	Casada	Superior Incompleto	Prático	4 anos
4. Marcelo	31 anos	Brasília-DF	Casado	Superior	Prático	4 anos
5. Fábio	40 anos	Russas-CE	Casado	E. Médio	Prático	6 anos
6. Daniel	34 anos	Brasília-DF	Casado	E. Médio	Teórico e Prático	7 anos
7. João	34 anos	Brasília-DF	Casado	Superior	Prático	9 anos
8. Caio	41 anos	Brasília-DF	Casado	E. Médio	Prático	9 anos
9. Claiton	30 anos	Brasília-DF	Solteiro	E. Médio	Prático	9 anos
10. Sandra	38 anos	Conceição-PB	Solteira	E. Médio	Prático	9 anos
11. Marcos	51 anos	Triunfo-PE	Casado	E. Médio	Prático	20 anos
12. Paulo	60 anos	Presidente Dutra-MA	Viúvo	E. Médio	Teórico e Prático	34 anos

6.2 INSTRUMENTOS

Levando em consideração os objetivos dessa pesquisa, foram utilizados dois instrumentos para a produção dos dados.

O primeiro instrumento foi uma entrevista autobiográfica. Como requisito para tornar-se instrutor de trânsito, é necessário fazer uma avaliação com fins pedagógicos realizada por um psicólogo perito em trânsito. Além dos testes de atenção, raciocínio, memória e personalidade há também a entrevista autobiográfica, onde o participante faz relatos que reconhece importantes sobre sua vida pessoal.

A entrevista autobiográfica é utilizada visando avaliar a desenvoltura do candidato a instrutor em relação a sua capacidade de comunicação, linguagem oral e escrita, relacionamento interpessoal, didática e liderança.

Esta primeira entrevista não contempla a dimensão da memória, pois configura-se com outra intencionalidade. O objetivo deste instrumento era apresentar a pesquisa, estabelecer um "rapport" entre pesquisador e pesquisado.

O rapport trata-se da capacidade de vinculação entre pesquisador e pesquisado. De acordo com Cordioli (2009) uma relação de boa qualidade é uma condição *sine qua non*. Não se aprende com quem não se gosta. Freud (1913) trazia que o primeiro objetivo da terapia era ligar o paciente ao terapeuta e por se tratar de uma pesquisa de orientação psicanalítica, ainda que não se pretenda ocupar o lugar de analista compreendemos ser necessário essa vinculação.

Posteriormente foi solicitada a elaboração do dispositivo da memória educativa, para ser enviada pelo participante via e-mail, na qual, pressupõe-se que o sujeito do inconsciente comparece, ou seja, o sujeito da enunciação.

Como afirma Almeida (2003, p.2): "Em outras palavras, é possível supor que o *sujeito* da Psicanálise (do inconsciente) *comparece* nesta produção, possibilita-se assim pensar em *efeitos* de (re)construção da identidade pessoal/profissional."

Ao escrever o sujeito desvela questões antes não imaginadas por si. Nesta produção é possível compreender o sujeito em sua (in)completude, resgatando sua trajetória, assim como a repercussão das experiências vividas.

Ressalta-se o cuidado ético da pesquisadora ao apresentar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para conhecimento e assinatura dos participantes além da importância de observar o sigilo dos dados na pesquisa.

7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados desta pesquisa foram analisados a partir da Análise de Conteúdo, tendo como base as autoras Bardin (2001) e Franco (2008). A utilização da análise de conteúdo neste trabalho foi possível, enquanto procedimento de pesquisa, pois apoia-se em uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente amparada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento.

De acordo com as autoras Bardin (2001) e Franco (2008) a análise de conteúdo iniciou-se há muito tempo atrás, quando se tentava decifrar as parábolas e as metáforas dos textos bíblicos, valendo-se inclusive de classificações temáticas e até quantificação.

Para Bardin (2001) o termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter inferências de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Franco (2008) revela que a expressão verbal passa a ser vista como indicadores indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas educativas e seus componentes psicossociais. Ainda de acordo com a autora supracitada, a linguagem é compreendida a partir de uma concepção crítica e dinâmica, entendida como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferente momentos históricos elabora e desenvolve representações sociais.

A análise de conteúdo, segundo a perspectiva de Bardin (2001), consiste em uma técnica metodológica que se pode aplicar em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for à natureza do seu suporte. De outro modo, Franco (2008) pontua:

Toda mensagem falada, escrita ou sensorial, contém, uma grande quantidade de informações sobre seu autor: suas concepções de mundo, traços psicológicos, motivações, expectativas... (FRANCO, 2008, p.25).

A análise de conteúdo não se resume a análise de mensagens, mesmo que estas sejam um ponto de partida, expressem um significado e um sentido, a análise de conteúdo é direcionada sobretudo pela sensibilidade, intencionalidade e competência teórica do pesquisador.

Dessa forma é possível, inclusive, uma análise acerca do conteúdo "oculto" da mensagens e de suas entrelinhas, o que nos encaminha para além do que pode ser identificado e teoricamente relacionado, para que possa ser decifrado mediante códigos especiais e simbólicos. O que está escrito, falado será o ponto de partida para a identificação do conteúdo seja ele explícito e/ou "latente".

Após definidas as unidades de análise, iniciou-se a definição das categorias. De acordo com Franco (2008) a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos.

A criação de categorias é um ponto crucial da análise de conteúdo. A formulação de categorias é um processo via de regra, longo, difícil e desafiante, exige uma dose de esforço por parte do pesquisador. Aqui chamaremos de eixos.

Utilizaremos neste estudo o aporte psicanalítico freudiano para compreender o fenômeno pesquisado. Nesse sentido, analisaremos o conteúdo das Memórias Educativas e das falas dos sujeitos por meio das entrevistas autobiográficas e semi-estruturadas utilizando além da leitura flutuante prevista na etapa de pré-análise da análise de conteúdo, a escuta sensível e a associação livre.

Franco (2008) nos traz que os resultados devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio não apenas os indícios manifestos no âmbito das falas e do material escrito produzido, mas também os conteúdos não ditos, implícitos também são considerados demasiadamente relevantes.

Bardin (2001) aponta que ao analisar o que não está expressamente dito ou escrito o pesquisador assemelha-se a um arqueólogo, em busca de vestígios e para Franco (2008) os vestígios são as manifestações de estados, de dados e de fenômenos.

Freud traz em "A Etiologia da Histeria" (1896) que "os sintomas da histeria são determinados por certas experiências do paciente que atuaram de modo traumático e que são reproduzidas em sua vida psíquica sob a forma de símbolos mnêmicos" (p. 190).

Freud (1896) reconhece o método terapêutico de se fazer retroagir o sintoma até a cena através do qual ele surgiu. É penetrando a partir dos sintomas, como um trabalho arqueológico de exploração de uma região desconhecida, que é possível obter conhecimento de suas causas antes desconhecidas. Assim, o trabalho da psicanálise é também reconhecido como “arqueólogo do inconsciente”

Pensamos com o "arqueólogo do inconsciente" que na elaboração da memória educativa nos deparamos com os restos que a escrita transporta os quais não apenas instigam, quanto suscitam por vezes a necessidade de re-escrever, de remover o lixo começando dos resíduos visíveis e descobrir o que está enterrado, para que uma vez decifrados e traduzidos fornecerem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado... *Saxa loquuntur!* (as pedras falam). (ALMEIDA, 2010, p.1)

De acordo com Franco (2008) uma das vantagens de uma análise não apriorística diz respeito à grande quantidade de dados novos e diversificados que podem surgir.

Por fim, vale ressaltar que como justificado acima, neste trabalho as categorias foram elaboradas no decorrer da análise dos dados e não concebidas a priori.

8 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa propôs-se a investigar e refletir sobre a trajetória de vida pessoal e profissional dos instrutores de trânsito bem como o processo de escolha profissional e as marcas inconscientes que os atravessaram.

Assim sendo, buscou-se analisar as entrevistas autobiográficas e os memoriais educativos dos instrutores e discuti-los sob à luz da teoria psicanalítica. Após leitura das memórias educativas chegou-se a definição de cinco eixos de análise dos dados, a saber:

1. escolha e formação profissional,
2. relação instrutor x aluno
3. memórias do trânsito,
4. prazer e sofrimento
5. ensinar a dirigir: facilidades e dificuldades encontradas

8.1 Escolha e formação profissional

Na leitura das memórias educativas, compreendemos que os motivos que os impulsionaram a escolher esta profissão são inúmeros, alguns acreditam que foram escolhidos pela profissão, no entanto, independente do motivo, as falas dos instrutores revelam que todos foram movidos por um desejo, por buscarem preencher algo que "faltava", seja a realização profissional, a questão financeira, a satisfação pessoal, as lembranças da infância. O contexto social também é de suma importância e atravessa nossas escolhas.

Ao buscar identificar a trama relacional que nos leva a optar por determinada profissão, partimos do pressuposto que os processos de identificação e transferência se encontrem na raiz dessas escolhas. São as relações com outros significantes que vamos travando ao longo da nossa trajetória, que vão estruturando esse processo. (LACERDA, SEGUNDA, 2011, p. 81)

A escolha profissional, para Freud, pode ser relacionada com o processo de identidade e sublimação, ao dizer que “torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas,

artísticas ou ideológicas o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada". (FREUD, 1997, p. 52).

De maneira bem pragmática o instrutor Paulo revelou na entrevista autobiográfica "*O motivo é simples, eu não tinha opção de trabalho, mas aprendi a dar aula com um amigo, então escolhi como profissão e por isso estou até hoje.*" É possível supor que se realmente fosse algo tão "simples" Paulo não estaria há 34 anos na profissão. Há algo além de uma simples escolha.

Sabemos que o trabalho ocupa dimensão central na vida dos sujeitos e de acordo com Dejours (2009) é essencial para a formação da identidade e para a saúde mental. A escolha da profissão não acontece por acaso.

De acordo com Bertão e Hashimoto (2006) como em outras escolhas em nossas vidas, a escolha profissional é resultante de determinações inconscientes, constituídas de todas as experiências vivenciadas desde a mais tenra infância no meio familiar até o momento da escolha. O trabalho enquanto escolha profissional pode ser entendido com a manifestação do sujeito psiquicamente, através da profissão o sujeito se expressa, conta sua história. (PAIM, 2007)

O instrutor Marcos remeteu-se as lembranças da adolescência e juventude e deixou-se envolver com trânsito. Revelando que algo em relação ao trânsito ficou marcado em sua história, remetendo-nos a Tanis (1995) a memória traz consigo as marcas do sujeito registradas durante sua trajetória de vida. "*O trânsito foi o ambiente em que na época fui criado (adolescente e juventude) e também gosto de passar para as pessoas o que é bom (ensinar alguém não tem coisa melhor, gratificante). O trânsito é interessantíssimo.*"

De outro modo, o instrutor João relatou que decidiu ser instrutor de trânsito pois estava a procura de um emprego melhor e maior renda financeira, um amigo de infância sugeriu que ele fizesse o curso, com a curiosidade despertada pelo amigo, decidiu fazer o curso. Já o instrutor Caio contou que foi dispensado do quartel e a primeira oportunidade que teve foi a de ser instrutor. Seu cunhado que já trabalhava como instrutor o motivou.

A escolha profissional dos instrutores está ligada a um desejo, a uma vontade pessoal de realização. "É o desejo ou a tentativa de realização que move o aparelho psíquico, que nos faz sonhar, dormir, acordar e, sempre buscar essa 'falta'" (TEIXEIRA, 2014, p.103)

A escolha de Sandra foi motivada inicialmente pelo retorno financeiro. No entanto, sabe-se que não é a remuneração que faz um trabalhador permanecer no trabalho, pois como afirma Dejours (2004) trabalhar não apresenta apenas o emprego ou a relação salarial. *"Eu era secretária e o salário de instrutor era maior. Hoje faço porque gosto. A maioria das pessoas que entra nessa profissão não fica mais de três anos e eu estou há quase dez. Então faço isso porque gosto de ensinar, ver que o aluno aprendeu e saber que ele passou me faz muito bem. Então eu amo a minha profissão."*

A fala de Sandra nos mostra claramente o que Teixeira (2014) nos traz: o desejo não é algo a ser realizado, mas sim, uma falta nunca realizada. Antes, Sandra buscava a realização financeira, quase dez anos depois, atua como instrutora porque gosta de ensinar, ver que o aluno passou. A questão salarial não foi determinante. Vale ressaltar ainda, que nem sempre os alunos aprendem ou passam, dessa forma é algo que nunca estará completamente realizado.

Do mesmo modo, o instrutor Claiton inicialmente também pensou de maneira semelhante a Sandra.. *"Pra quem tem o segundo grau, é uma coisa mais rápida de se começar a trabalhar e ensinar a dirigir é fácil."*

Unir o saber-fazer ao retorno financeiro esperado foi o desejo de Marcelo. *"Sempre gostei de dirigir, e sempre tive facilidade para dirigir, a oportunidade de ser instrutor apareceu através de um amigo que trabalhava na área, o retorno financeiro na época era bom e eu fui por isso."*

Mesmo que não tenham se dado conta, os instrutores Claiton e Marcelo levaram em consideração suas habilidades pessoais, pois ensinar a dirigir pode ser tarefa fácil para eles, mas não para todos os motoristas. Para Castanho (1988), a escolha da profissão é um processo ao longo do qual o sujeito irá decidir pela alternativa que mais lhe agrada.

Já o instrutor Mauro revelou na entrevista autobiográfica que a questão financeira foi importante, mas buscava sobretudo a realização profissional. *"Dois fatos paralelos: primeiro, pela questão financeira, precisava de uma renda complementar. Segundo, porque queria outra atividade que me preenchesse como uma verdadeira profissão. Contudo, em busca de uma realização profissional em função do primeiro trabalho não fornecer, decidi ser instrutor, formando condutores, podendo contribuir para sociedade. A segurança no trânsito esta em evidência e sou responsável para formar condutores conscientes."*

Em busca de satisfação pessoal e qualidade de vida, Wesley buscava conciliar seus horários com seu estudo. *"Decidi ser instrutor, porque depois de ter formado, comecei a trabalhar na minha área, mas não estava satisfeito nem com o trabalho nem com o salário. Passei a estudar para concursos. Neste momento decidi também ser instrutor de trânsito, porque além de sempre ter gostado de dirigir, podia conciliar meus horários de estudo com os horários das aulas que eu ofereço."*

A necessidade da satisfação pessoal foi evidenciada sobretudo nas falas dos instrutores Mauro e Wesley, pois eles buscavam preencher o vazio de uma "verdadeira" profissão. Como seus trabalhos não preenchiam essa falta, eles foram em busca de algo. "No entanto, essa 'falta' nunca será satisfeita, pois, em todas as escolhas que fazemos, revelamos um novo desejo." (TEIXEIRA, 2014, p.103).

Revelando a questão das marcas inconscientes e sobretudo da identificação, o instrutor Fábio nos trouxe na entrevista autobiográfica que sua escolha profissional iniciou quando foi tirar a CNH, pela admiração que teve por seu instrutor. Para Freud (1921) a identificação é um mecanismo psicológico pelo qual o sujeito humano se constitui. *"Quando tirei minha CNH meu instrutor era um exemplo de instrutor, eu aprendi a admirar essa profissão graças a ele. Um dia perguntando sobre se ele gostava ele me respondeu: "Sim, e procuro ser o melhor no que eu faço sem derrubar os outros". Isso até hoje levo comigo. Depois do curso passei a sempre lembrar das palavras dele e me perguntava: "Como poderei ser bom???"*

De acordo com Guimarães e Celes (2007) a identificação é um processo indispensável para a constituição do humano, ou seja, é por intermédio da identificação que a relação com o outro efetiva-se em busca de individuação e de socialização.

Nesse sentido, Freud (1921) afirmou que a identificação compõe a forma mais primitiva de se expressar vínculo emocional com outra pessoa. Na identificação há um empenho em moldar o próprio ego de acordo com a característica do indivíduo que foi tomado como modelo. E por isso, Fábio tem procurado ser o melhor no que faz, assim como seu "exemplo de instrutor."

De outro modo, a instrutora Aline revelou que sempre gostou de carros e direção, no entanto sua escolha profissional foi incentivada por uma situação de certo constrangimento no trânsito com um funcionário público da região, desde então decidiu estudar e repassar seus conhecimentos para outros futuros condutores. *"Sempre gostei de máquinas, carros, mecânica, técnicas de direção... Mas passei por uma situação no trânsito com um funcionário público da área de segurança que quis abusar do poder que lhe é conferido para se safar do erro que cometera, quando lhe fiz a demonstração de conhecimento básico do CTB falando-lhe sobre seu erro, fazendo-o se redimir e reconhecer que exagerou e que alguns condutores sabem o que estão a fazer quando da direção de um veículo. Nesse dia pensei que poderia ajudar a formar bons condutores estudando um pouco mais sobre Legislação de Trânsito e repassando parte desse conhecimento."*

As memórias dos instrutores do início da escolha de suas trajetórias profissionais, corroboram com o que diz Lacerda Segunda (2011) em relação às escolhas profissionais, esta decisão, aparece como uma das questões mais significativas em nossa vida, pois ao escolher uma profissão, escolhemos não só o que fazer: mas sobretudo, quem Ser. (Lacerda Segunda, 2011, p. 42).

Nas entrevistas autobiográficas em relação à formação profissional mesmo que em épocas distintas, lugares diferentes, a maioria dos instrutores encontram um ponto comum. Os instrutores afirmam que o curso de formação por si só não foi suficiente. Eles revelaram nas entrevistas que a formação tem se dado principalmente na prática, no dia-a-dia.

O instrutor João relatou que quando fez o curso, achou o conteúdo muito vago. Fábio afirma que foi necessário ir mais além. *"Fui em busca de estágio e capacitação. Creio que o curso deveria ser mais rígido pois lidamos com vidas, preparamos condutores para o trânsito e sempre digo que dirigir é uma arma na mão de uma criança."*

A ética e a responsabilidade surgiram na fala da instrutora Aline. *"É de fundamental importância que o futuro instrutor tenha interesse em repassar o conhecimento adquirido, que seja ético, que não compactue com corrupções de setores públicos que tanto vemos acontecer em nosso país, que tenha responsabilidade e compromisso com o candidato-aluno."*

Ela reconheceu ainda a necessidade de uma formação contínua, pesquisa e constantes atualizações para exercer com eficiência o papel de educador no trânsito. *"O centro de formação pelo qual passei é muito bom, a maioria dos docentes são formados na área do Direito, mas sabemos que para nos tornarmos bons profissionais, precisamos pesquisar muito. O que nos é passado em sala de aula nos dá o "norte", mas só mesmo com muita pesquisa e dedicação podemos conseguir lograr melhor êxito na prática. Muitos colegas passam pelo curso e ficam tempos desempregados e, quando contratados não tiverem feito estudos e atualizações durante esse período, principalmente sobre as resoluções que quase que diariamente estão sendo aperfeiçoadas para complementarem o CTB, não há como exercer o papel de educador no trânsito com eficiência."* Corroborando com o que nos traz Nóvoa (1995, p.25):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar estatuto ao saber da experiência.

Do mesmo modo, Fábio afirma que o conhecimento técnico é indispensável e uma avaliação mais rígida é extremamente necessária para a formação de instrutores: *"Deveria ter um exame mais rígido feito pelos examinadores do Detran. Hoje o que vejo são instrutores que não sabem nem montar uma baliza ou mesmo executar uma manobra que ele mesmo tá ensinando."*

O aprendizado constante também é aposta de alguns instrutores, como Marcos. *"Cada instante no trânsito dando aula ou não você aprende (aprendizado constante). Tem que melhorar muito, um minuto que seja no ensino fundamental falar sobre trânsito isso melhoraria o convívio pedestre e condutor"*

Alguns criticaram o fato de serem instrutores práticos e a parte prática não ser valorizada no curso de formação. Mauro afirmou que o curso teórico foi muito bom, mas a parte prática foi deixada de lado. *"Tem um estágio 3h (veículos de 4 rodas), 2h (2 rodas) e 5h (5 aulas acompanhando a prática na autoescola. Um dos pontos que poderiam investir para melhorar seria a prática mais intensa no curso."*

Neste sentido, a instrutora Sandra acredita que o curso não deu base nenhuma para ser uma boa profissional. Chegou a comparar com o curso de formação de condutores que são oferecidos pelas autoescolas um pouco mais extenso. *"É como se fosse uma escolinha estendida, ensinando as leis, placas"*

O aperfeiçoamento para o instrutor Claiton também se deu nas ruas. O curso para ele foca na teoria deixando a prática de lado. *"No curso aprendemos mais a teoria que a prática. Temos que nos aperfeiçoar nas ruas. Só temos um treinamento prático que fazemos na rua, mas fazemos em quadrado sem trânsito, não pegamos o trânsito de quando estamos ensinando. Isso faz a gente sentir nervosismo no início como instrutor. Eu fiz o curso em 2006, não sei se ainda é assim, considero que ainda tem muito a se melhorar."*

De acordo com Marcelo o curso feito por ele ajudou, mas não foi suficiente. *"A prática é muito mais complexa, não tivemos uma disciplina por exemplo, para nos preparar para lidar com diferentes tipos de pessoas, o curso é mais técnico, o que é bom também. Acredito que nos cursos de reciclagem deveria ter um Psicólogo para orientar os instrutores sobre o trabalho com pessoas. "*

Da mesma forma, Wesley revelou considerar a formação e capacitação de instrutores de trânsito insuficientes de maneira geral. *"É muito pontual o que nos oferece. Como ponto*

positivo, destaco as aulas dinâmicas e os bons professores que tive, e como ponto negativo, penso que as aulas deveriam ser intercaladas entre práticas e teóricas."

Nos relatos do instrutores percebe-se que não há hegemonia em relação a maneira como eles se denominam. Muitas vezes não sabem se consideram-se professores, educadores ou instrutores. Isso demonstra claramente que o lugar que ocupam enquanto instrutores de trânsito não é bem definido na sociedade e pensamos, que em especial, psiquicamente.

O instrutor Fábio relatou que se considera educador de trânsito assim como Mauro que também se considera educador. Eles avaliam que não apenas instruem os condutores, mas ensinam. E o ensinar vai além do simplesmente instruir e de acordo com eles trata-se de um termo mecanizado. *"O termo instrutor por si só traz uma coisa muito mecanizada, engessada, somos instruídos para isso. Portanto, considero-me educador, aproveitando conteúdos aprendidos na vida da pessoa e conduzindo ao melhor caminho."*

De outra maneira, como Caio outros instrutores também acreditam que a denominação correta deveria ser "professor". *"Considero-me professor. Não é à toa que a maioria dos alunos me chamam de professor"*

Do mesmo modo, o instrutor João relatou em sua memória que se considera professor: *"pela forma de conhecimento que passamos, conhecimento e educação, não com o intuito de só de colocar mais motorista na rua e sim um cidadão que vai respeitar o próximo."* Assim como Sandra que também se considera professora. *"Professora está mais ligado a questão de ensinar. Eu vejo o instrutor como alguém ligado a um esporte. Eu acho a minha profissão mais parecida com a de um professor. O instrutor para mim está mais relacionado a um caiaque, barco, talvez até moto. O professor tem algo a mais a oferecer."*

Já o instrutor Wesley relatou que ensina como professor e usa seu conhecimento adquirido como instrutor, por fim, Claiton é o único que com em sua memória declarou ser instrutor. *"Eu me considero instrutor. Porque estou "instruindo" o futuro motorista. Instruo o futuro motorista para o trânsito. Passo para ele o que tem que fazer, mas nesse processo o*

aluno não aprende a dirigir, eu apenas ensino uma noção, como ele deve reagir a certas situações, mas aprender mesmo, ele só vai aprender na prática."

Percebe-se que mesmo com essa incerteza em relação ao lugar que ocupam, os instrutores assim como os professores deveriam ocupar um lugar de autoridade, tendo em vista que só é possível a transmissão de um saber quando existe confiança e a crença de que o outro sabe algo a mais que possa verdadeiramente ensinar, o "suposto saber" freudiano. "Não há aprendizagem sem aquele que é reconhecido como detentor de um determinado saber." (ALMEIDA, 1993, p.32)

A transmissão implica diretamente o aluno na forma como está atravessado pela linguagem, isto é, desde sua posição singular. A transmissão é uma questão de como cada sujeito se encontra com o desejo diante daquilo que escuta e frente à saída que desencadeia uma entrada para suas perguntas. "A questão da transmissão está fundamentada em uma posição subjetiva, pondo em relevo o que há de singular naquele que se escuta." (CARNEIRO e CHAVES PINTO, 2009, p. 177)

Nesse sentido, Fernández (1991) apesar de falar sobre o lugar de poder que deve ser ocupado pelos professores, sua fala também é oportuna para os instrutores de trânsito.

"o conhecimento é conhecimento do outro, porque o outro o possui, mas também porque é preciso conhecer o outro, quer dizer, pô-lo no lugar do professor (...) e conhecê-lo como tal. Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar" (p. 52)

A partir do momento que se considera que o profissional não sabe nada que possa ensinar ou acrescentar e não ocupe este lugar de saber não haverá relação de ensino-aprendizagem. Podemos identificar aqui talvez uma das maiores dificuldades dos instrutores de trânsito, tendo em vista que nem eles conseguem identificar qual papel e que lugar devem ocupar enquanto instrutores.

8.2 Relação instrutor x aluno

Apesar da literatura educacional trazer a relação professor x aluno, é possível transpor também para a relação instrutor x aluno e é o que iremos fazer aqui. Essa transposição é possível por reconhecer que existe uma relação troca e de ensino e aprendizagem nas aulas de direção, tanto teóricas quanto práticas.

Sobre a relação com seus alunos, os instrutores de maneira geral afirmam ter uma relação saudável, tranquila e de amizade. O instrutor Caio acredita em uma relação aberta, com amizade. Já Claiton revelou ter uma relação amigável e reconhece a dificuldade de lidar com pessoas: *"Lidar com o ser humano é bastante complexo. Tem aluno que começa a aula comigo e depois não gosta do meu método de ensino e pede para trocar de professor e tem outros que gostam. A maioria dos alunos gostam e são aprovados"*

Na fala de Claiton o gostar do professor e ser aprovado andam juntos. "Frequentemente se aprende uma coisa de que não se gosta por se gostar da pessoa que a ensina. E isso porque — lição da psicanálise e da poesia — o amor faz a magia de ligar coisas separadas, até mesmo contraditórias." (ALVES, 2006, p.34)

Com a intenção de aprimorar sua prática, Aline relatou que busca (re) elaborar as críticas e melhorar sempre que possível. *"Há vezes em que peço ao CFC para me deixar ver a avaliação que o aluno fez sobre mim para que eu possa vir a melhorar em algo que talvez não tenha satisfeito a ele(a)."*

Ainda conforme Alves (2006) quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro (p.35).

De outro modo, João prefere ter uma relação totalmente profissional a fim de passar seguranças aos alunos. *"Quem está aprendendo fica fragilizado, por está executando uma experiência diferente"*

Enquanto isso, Marcos revelou que *"A relação com meus alunos é a mais clara possível, de profissionalismo com um intuito de melhor relacionamento na aprendizagem com tranquilidade e harmonia com os demais condutores."* Já Wesley afirmou que sempre teve uma ótima relação com eles. *"Tento colocar o profissionalismo em primeiro lugar e dá o melhor de mim, em cada aula que ofereço. Procuro também ser paciente sempre."*

A relação dos instrutores com seus alunos muitas vezes ultrapassam a de aluno x instrutor. Marcelo comentou os diversos lugares que ocupam quando estão dando aulas. *"Procuro deixá-los à vontade, não demonstro preocupação ou estresse, acredito que a pessoa deve sentir-se bem para aprender. Minha relação é profissional, eles sempre acabam falando de suas vidas pessoais e problemas"*

Nesse sentido, lembramos Kupfer (2001) quando aponta que ensinar é imprimir marcas simbólicas para que o Outro possa se constituir como sujeito. Mauro reconhece a importância de seu papel e aposta na empatia e na adequação das necessidades de seus alunos. *"Uso a empatia para compreender o que motivou o aluno buscar obter a CNH, através disso me coloco no lugar dele, prestando serviço de excelente qualidade e essa relação fica produtiva."*

Assim como Sandra que busca dar um tratamento diferenciado para cada aluno. *"Procuro me adequar a todo tipo de aluno: se é um aluno que não conversa muito, eu falo o básico. Ou se é um aluno mais falante eu puxo mais papo. Então eu me acho meio que psicóloga, porque a gente vive lidando com todo tipo de gente, então procura compreender cada um e dar um tratamento diferenciado"*

Reconhecemos que toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affetare*, quer dizer ir atrás. O "afeto" é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o

eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (ALVES, 2006, p.20).

O instrutor Fábio não consegue desvincular-se da parte emocional e da amizade que constrói com seus alunos. *"Meus alunos são meus amigos que levo até o dia de minha morte. Eles são uma das maiores razões de me dedicar a essa profissão. Tenho um vasto leque de amizades e sempre procuro vê-los ou de certa forma ligar."*

O saber-fazer do instrutor de trânsito envolve além da parte teórica, a parte prática. Em suas memórias educativas, uns recordam de alguns exemplos de bons professores, outros, acreditam ter aprendidos sozinhos. No entanto, Pain (1991) nos traz que "não há, propriamente falando, autoaprendizagem, pois as estruturas mentais não atuam no vazio" (p. 80) Mauro considerou importante pesquisar e estudar sozinho: *"Fui autodidata, pesquisando na internet através do site autoescola online, inspiro-me em um professor que considero bem didático. Gosto de ler bastante sobre a legislação, sempre buscando me atualizar, pois acredito que quando se tem o conhecimento, obtém mais segurança."*

De acordo com Almeida (1993) mesmo nos casos de autodidatismo, em que o aprendiz se transforma em seu próprio mestre, encontraremos, na base dessa atitude, um processo de identificação com um outro, que se torna modelo permanente de possíveis intercâmbios cognoscitivos e ao qual o sujeito se referencia para legitimar as aprendizagens aprendidas por essa via.

Por reconhecer as marcas deixadas por seus professores Marcelo afirmou que se baseou nos exemplos bons e ruins que teve em sua vida. *"Acredito que nunca aprendemos nada sozinhos, me baseio nos exemplos bons e ruins de professores que tive, mas não tenho uma pessoa específica que tenha me inspirado."*

Assim como Marcelo, Caio contou que seu modo de ensinar foi inspirado em três professores que considerava bons. Já Daniel relatou ter se inspirado em seu cunhado. Podemos definir essa inspiração como o mecanismo de identificação descrita por Laplanche e Pontalis (1991) que se trata de um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um

aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro.

O instrutor Fábio revelou que começou a admirar a profissão de instrutor quando foi tirar sua CNH e conheceu um instrutor que dizia amar a profissão e ser o melhor no que fazia, desde então Fábio o tem como exemplo, tanto no modo de ensinar como no modo de ser. Blanchard-Laville (2001) revela que a identificação não se trata de uma imitação, mas um movimento de apropriação que obedece uma lógica inconsciente.

A ajuda de um amigo foi de muita importância para Paulo. "*Graças ao meu bom Deus, aprendi com um amigo, que hoje não trabalha no ramo, prestou concurso e trabalha em Banco.*" Kenski (2001) acentua a importância de como os valores "marcam" os alunos. Muitas vezes os alunos esquecem os conteúdos de muitas matérias, mas atitudes e valores adquiridos no convívio e no exemplo de seus professores permanecem incorporados aos seus comportamentos, às suas lembranças" (p.101)

Alguns instrutores apostam na inovação e na criatividade, mas não deixam de observar os bons exemplos. Apesar de trazer em relação ao professor, podemos transpor aos instrutores a fala de Lacerda Segunda (2011) por perceber que estes também se inspiraram em seus professores. A autora nos traz que:

Impulsionado pelo desejo de formar, o professor, identificado com os vários mestres com os quais se deparou ao longo de sua trajetória, vai construindo um estilo de ensinar que traz a marca enquanto escritura, assinatura singular atravessada por várias outras assinaturas. (p.48)

O método de Sandra, apesar dela afirmar que foi a criadora teve como base a experiência de colegas. "*Quando comecei a dar aula eu, porque normalmente o instrutor passa por um estágio, mas eu comecei meio que de supetão, já dando aula por mim mesma. Então fui criando o meu método de dar aula. Só que hoje, mesmo após nove anos dando aula, eu ainda observo alguns colegas e tento repetir algumas ações deles. Mas sempre criei meu próprio método.*"

A fala de Sandra, nos remete à Kupfer (2001, p. 129), o “estilo é um modo próprio de escrever, de falar, de se posicionar. É a marca de um sujeito em sua singular maneira de enfrentar a impossibilidade de ser”. Ao contemplar o professor no exercício de seu estilo próprio de apropriação do objeto de conhecimento um aluno construirá e se construirá em um estilo cognitivo próprio (KUPFER, 2001, p. 129)

Do mesmo modo, Claiton relatou também ter criado seu método de ensino, seu próprio estilo. *"Eu considero que eu aprendi sozinho a ensinar. Ao longo desses anos de experiência no trânsito, resolvi utilizar o que eu aprendi no dia a dia, usar do meu método de ensino. Praticamente aprendi a dirigir sozinho e ao longo de 10 anos de habilitação, tento passar para os alunos minhas experiências."*

Mesmo sem conhecimento da importância de se considerar a subjetividade no processo de ensino alguns instrutores relatam que buscam considerar aspectos individuais de seus alunos. De acordo com Kupfer (2001) em relação a psicanálise e educação, mas que pode perfeitamente ser discutido nesse contexto, o saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal como ele é entendido pela psicanálise: como transmissão da demanda social além do desejo, como transmissão de marcas, como transmissão de estilos de obturação da falta do Outro.

Mesmo sendo muito difícil, Aline afirmou apostar na adequação das aulas às particularidades de seus alunos. *"Busco basear as aulas de acordo com a turma, em algumas delas, as aulas são mais objetivas em outras são mais dinâmicas."*

A importância da implicação do profissional no processo para João é essencial para o sucesso. *"Para ter um conteúdo mais completo, tem que pesquisar e ter curiosidade em pesquisar em internet, para ter o máximo de conteúdo para exercer a profissão. Com o passar do tempo você também acaba vendo a necessidade de trabalhar seu psicológico e uma dedicação para passar segurança."*

Em relação a maneira que avaliam seus alunos e o processo de aprendizagem, ou seja, se seus alunos estão de fato preparados para enfrentar o trânsito, alguns instrutores buscam avaliar a evolução individual de cada aluno, como Sandra e Claiton, o que nos faz lembrar na dimensão da subjetividade, tal como pensada pela psicanálise, ao apontar que "o processo de ensino-aprendizagem é marcado também pela existência de processos singulares, que dizem respeito à história de cada um." (BENETTI, p. 9, 2002) E que de certa forma se explicita na fala dos instrutores entrevistados:

O nervosismo é uma grande dificuldade para os futuros condutores e Sandra busca minimizar a ansiedade de cada um de seus alunos. *"Eu avalio vendo as dificuldades que cada um tem, e tento ver como posso ajudar a acabar com essa dificuldade. Muitas vezes eu vejo alunos que, por mais que eu ajude, ele não vai conseguir vencer essas dificuldades. Muitas vezes só pelo jeito como o aluno entra no carro, eu consigo perceber pela minha experiência, se o aluno tem o potencial ou não. Procuo verificar as dificuldades e ajudá-lo ao máximo. O grau de ansiedade, porque isso pode atrapalhar muito. Então procuro deixar claro que o nervosismo vai acabar com o passar das aulas."*

Quando o aluno não tem condições de passar na prova prática, Claiton a fim de não expor o aluno a um estresse desnecessário, não libera para a próxima etapa. Demonstrando sensibilidade e respeito as particularidades de cada um. *"Vejo iniciativa, tranquilidade e confiança no trânsito. Eu só libero para fazer a prova se a pessoa tiver condições de passar. Cada aluno em cada aula tem que aprender uma coisa nova, se naquela aula não aprender na próxima vai continuar o mesmo ensino e conforme o aluno vai progredindo a aulas vão avançando."*

Ainda mais, também diferentes instrutores revelaram que como Marcelo procuram ficar atento às evoluções diárias de seus alunos: *"De acordo com suas capacidades, avalio a evolução diária deles, percebo se o medo ou a insegurança está atrapalhando o desenvolvimento e falo."* O instrutor Wesley também aposta no desenvolvimento individual de seus alunos. *"Eu avalio fazendo um plano de aula personalizado para cada aluno, de acordo com as suas necessidades e desenvolvimento durante as aulas."*

Como papel fundamental na avaliação de seus alunos, João aposta na troca de experiência com os examinadores do Detran. *"Depois é importante ver o que ele, aluno, absorveu e se algo maior o atrapalhar, avaliar seu psicológico, para saber como está reagindo."*

Já os instrutores Caio e Daniel acreditam que o simulado é um bom termômetro para saber se o aluno aprendeu de fato. *"A gente tem um simulado e no último dia de aula vê se ele tá preparado para fazer a prova."*

De outro modo, Mauro que trabalha também como instrutor teórico revelou que enfrenta algumas dificuldades, como o fato da turma não ser fixa dificultando a relação e a avaliação dos alunos, pois apenas na parte prática os alunos tem mais contato com o mesmo instrutor. *"Como a turma é aberta fica difícil de avaliar, pois funciona da seguinte forma: há três horários disponíveis, ou seja, manhã, tarde e noite, onde esse aluno tem opção de escolher o melhor horário, sendo assim, não temos uma turma fixa, com os mesmos professores e alunos. Ficando assim difícil estabelecer uma relação melhor com esses alunos. Quando vai para prática o aluno se expõem mais e se mantém com o mesmo professor, muitas vezes tem que "podar" as conversas para trazer assuntos referentes ao trânsito."*

Por estarem muito tempo em contato durante as aulas práticas alunos e instrutores vão construindo uma relação para além do previsto. Aline preocupa-se em formar condutores que dirijam de forma responsável *"Tenho alunos aplicados e aqueles que não querem saber muito. Mas na maioria da vezes convenço-os depois de muito custo de que, conduzir de forma responsável é o melhor caminho a ser seguido."* O instrutor Marcos revelou que busca traçar com seus alunos um objetivo comum e atenta-se às particularidades de cada aluno. *"Chegamos ao objetivo comum. Um motorista capaz de dirigir com respeito aos outros, compreensão, amor no que está fazendo."* Já Paulo relatou que procura colocar o aluno em primeiro lugar e se empenha ao máximo para que seus alunos aprendam. *"Sempre faço com que eles aprendam."*

Tendo em vista de que quem avalia se o aluno está apto ou não são examinadores, que visam avaliar apenas a parte prática e não o processo e as individualidades dos alunos, percebe-se que não há uma forma padrão de avaliação da aprendizagem feita pelos instrutores que buscam de maneiras particulares avaliar seus alunos.

8.3 Memórias do trânsito

Em suas memórias educativas, os instrutores trouxeram lembranças de alguns professores que marcaram suas vidas. Para Almeida (2004) trabalhar com as memórias é reconhecer seus laços com a história de vida, pois alguma coisa do sujeito comparece, assim como as vicissitudes enfrentadas nas complexas relações entre objetividade e subjetividade, faz sentido crer que a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente do que somos como sujeitos.

De acordo com Tanis (1995) a memória guarda a capacidade de resgate do tempo histórico, mas não como um tempo passado, sim como um tempo inscrito nas “entranhas” do atual.

Os instrutores Mauro e Sandra recordaram-se de professores que tiveram no ensino fundamental e marcaram suas vidas por serem muito atenciosas. O que nos remete novamente à concepção de que a memória traz consigo as marcas do sujeito registradas durante sua trajetória de vida (TANIS, 1995).

De acordo com Ferrari (2003) certas qualidades do educador, como paciência, dedicação, carinho, amizade, vontade de ajudar e atitude democrática ajudam na aprendizagem, conforme postula Fernández (2001):

Quem ensina ofecere-se como modelo identificatório. Não se aprende por imitação, querendo fazer o mesmo que o outro faz. Aprende-se querendo parecer-se com quem nos ama e com quem amamos. Precisamos querer parecer-nos com o outro, que esse outro nos aceite como semelhantes, para podermos desejar diferenciarmos dele, com menos culpa ou, melhor ainda, podendo elaborar a culpa por diferenciarmos (p. 40).

O instrutor Mauro depois de alguns anos procurou uma de suas professoras que marcou sua vida por ser muito atenciosa. *"Recordo da professora dona I., na primeira série, ela marcou minha vida, pois era muito atenciosa. Tentei contato depois de anos, mas não consegui obter informações a respeito dela. Também me lembro de um professor de história da sexta série, só não recordo o nome, fazia um trabalho legal, indicava vários livros, estimulava os alunos, mas não consegui aproveitar muito essa oportunidade na adolescência."* Assim como Sandra que também trouxe a tona a memória de uma professora

extremamente dedicada aos alunos. *"Gostava da minha professora da terceira série ela era muito atenciosa e dedicada aos alunos."*

Para Freud (1914) as atitudes emocionais dos indivíduos para com outras pessoas que são de tão extrema importância para seu comportamento posterior, já estão estabelecidas numa idade surpreendentemente precoce.

Os elogios e carinho dos professores foi o que fez com que Caio e Fábio se recordassem de alguns professores. Caio relatou *"Gostei muito de uma professora da quarta série. A professora elogiava meus olhos."* e a memória de Fábio complementa *"Lembro de um professor, gostava dele por seu jeito de ensinar e o carinho para com seus alunos."* "Como demonstrou Freud, o sujeito se constrói a partir de fragmentos de sua história, sendo assim, pode-se pensar que o relato contribui para a construção e consolidação da identidade profissional tanto quanto da identidade pessoal" (ALMEIDA, 2003, p.191).

De acordo com Mota et al. (2009) na medida em que lembramos daquilo que vivemos, temos a oportunidade de re-significar a nossa trajetória e as marcas que ficaram guardadas por tanto tempo e sem, aparentemente, nenhum valor. Ser tratado com respeito fez com que Paulo não se esquecesse de uma de suas professoras. *"Gostava muito de uma professora que nos tratava como aluno. Um outro nos tratava como moleques, então eu detestava o professor."*

Uma professora que ensinava para além do conteúdo programático ficou gravada na memória de Marcos. *"Recordo-me de uma professora do 1º grau, ela me ensinou muitas coisas fundamentais para a vida."*

A fala do instrutor Marcelo *"Lembro de uma professora de Biologia que me fez despertar para a matéria, ela era muito inteligente e competente. Na escola minha matéria preferida era história, depois dela passou a ser Biologia."* nos remete a relação professor-aluno e corrobora com o que nos traz Lajonquière (1999, p. 141) "todo adulto educa uma criança em nome do desejo que o anima" pois o conhecimento só pode ser suscitado, no processo ensino-aprendizagem, através do desejo – desejo daquele a quem o conhecimento falta e desejo do professor de ensinar. Marcelo sentiu-se tão envolvido com a inteligência e competência de sua professora que Biologia passou a ser sua matéria preferida.

Assim como Wesley que passava a semana inteira esperando pelas aulas de Educação Física, simplesmente pela diversão que sua professora passava. *"Gostava muito da professora de Educação Física, ela fazia de suas aulas uma diversão total e era muito bom ter aulas daquela forma. Eu passava a semana esperando pelas aulas dela. A matéria que eu mais gostava era Educação Física, acho que por envolver atividades práticas."*

Gostar ou não de uma matéria para João está ligado ao professor que a leciona. *"O professor que mais gostei na minha vida escolar foi o Zé Maria, professor de matemática. A didática e as brincadeiras que ele fazia dentro de sala de aula e todos os dias, ele chegava na sala dando um tapa na porta e falando "Bom dia." Na escola, a matéria que mais gostava era matemática, por achar a matéria fácil e o professor ser muito divertido. Não gostava muito de história por conta da professora e a forma que ela tratava e fazia para dar a matéria, colocava alguém para copiar no quadro e a aula toda."* "A qualidade da relação que se estabelece do professor para o aluno, determina não só o nível de qualidade da aprendizagem, como também o próprio desenvolvimento pessoal do aluno" (FERRARI, 2003, p.10).

Trata-se do amor, dado ou recebido sob todas as formas: sentimento amoroso, paixão, amizade, amor filial, camaradagem, compaixão, solicitude, por outras palavras, todas as formas Inteira do ser: um processo educativo de autoformação do ser humano professor de ligação ou de relação em que uma pessoa considera afetivamente significativa (JOSSO, 2004, p. 92).

Alguns instrutores relacionam o gostar de uma matéria a alguma habilidade específica sua, ou até mesmo a alguma dificuldade.

O instrutor Marcelo revelou que gostar dos conteúdos tornava a matéria interessante e não descarta a importância do professor. *"A matéria que mais gostava era História e Biologia; História devido ao conteúdo, principalmente História geral, sempre achei interessante e Biologia devido a professora que me ensinou a gostar, principalmente da parte que falava de células e do corpo humano"* Confirmando o que nos traz Freud (1914, p. 248)

"É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns

detiveram-se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos — porque não admitir outros tantos? — ela foi por causa disso definitivamente bloqueada."

Já o instrutor Claiton relatou não gostar de matemática por não ser muito bom em exatas. *"A que eu mais gostava era Educação Física, porque jogava bola. A que eu menos gostava era matemática porque eu nunca fui muito bom em exatas e achava que não ia influenciar muito na minha vida."*

Do mesmo modo, o instrutor Mauro revelou que também tinha muita dificuldade em matemática e achava muito cansativo. *"Gostava de fazer Educação Física por ser uma atividade mais dinâmica. A matéria que menos gostava era matemática, pois encontrava muita dificuldade nos cálculos e na resolução dos problemas onde necessitava também a interpretação, era muito cansativo."* A instrutora Aline também revelou sua dificuldade com matemática. *"Gostava da maioria das matérias, uma delas me dava um pouco de aflição que era a matéria de matemática, achava que não daria conta de memorizar tantas fórmulas, fazer cálculos gigantescos para achar a resposta muitas vezes tão óbvia."*

De outro modo, o instrutor Marcos e a instrutora Sandra revelaram gostar muito de matemática. Marcos relatou que gostava de matemática por não haver exceções, nem meio termo. *"Eu gostava de matemática, física (é o ditado e certo ou errado não tem meio termo). Não curti Português – (exceções) não sei nem se esta palavra está certa? Se escreve com “x”, “ss” ou “sc” e outras combinações se é que existe! – Por quê? Porque? Porquê? O porque é um só!"* Já Sandra revelou gostar de lidar com cálculos e números *"Sempre gostei de matemática. Adoro lidar com números."*

As instrutoras Aline e Sandra trouxeram que em relação ao trânsito na infância recordam-se de alguns acidentes que passaram e ou presenciaram. *"Ninguém contesta o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixam traços inerradicáveis nas profundezas de nossa mente."* (FREUD, 1989, p.287)

A instrutora Aline relatou *"Lembro-me de ter visto um acidente que envolveu uma motoneta e um fusca em frente a uma agência bancária, onde o condutor do ciclomotor subiu a uma altura que não sei explicar e rodou muitas vezes no ar antes de cair."*

De acordo com Freud (1989) o conteúdo mais frequente das primeiras lembranças da infância constitui-se, de um lado, das situações de medo, vergonha, dor física etc. e, de outro, de acontecimentos importantes como doenças, mortes, incêndios, nascimentos de irmãos e irmãs etc.

Já Sandra revelou que depois de tantos acidentes que já haviam acontecido, achava que nunca mais entraria em um carro. *"Sofri muitos acidentes de carro quando era criança. Meu pai capotou o carro três vezes comigo. Eu falava que nunca ia entrar mais em um carro. Também já fui atropelada enquanto andava de bicicleta. Fiquei com pequenos traumas, mas nada muito importante."*

Para Freud (1989) as coisas mais importantes é que são recordadas. O que quer que pareça importante por seus efeitos imediatos ou diretamente subseqüentes é recordado; o que quer que seja julgado não essencial é esquecido. Quando consigo lembrar um acontecimento por muito tempo após sua ocorrência, encaro o fato de tê-lo retido na memória como uma prova de que ele causou em mim, na época, uma profunda impressão.

Três instrutores recordaram-se de acidentes e descuidos cometidos no trânsito. O instrutor Claiton revelou *"Uma vez quase fui atropelado por não olhar na hora de atravessar a rua."* Do mesmo modo, Mauro lembrou uma situação muito desagradável. *"Houve uma situação na minha infância que vivenciei de um amigo saindo da escola de bicicleta que desequilibrou e caiu por conta de um buraco e o coletivo passou por cima da perna do menino, a cena foi horrível."* Já Paulo vivenciou uma situação de irresponsabilidade de um motorista que causou um grande susto. *"Eu era escoteiro, então estávamos em forma, quando um carro atropelou 4 amigos. O carro estava sem freio."*

Dois instrutores recordaram-se das viagens que fizeram de carro com suas famílias na infância. O instrutor Fábio relatou *"Viajei muito na infância e meu pai é um ótimo condutor"* e Daniel também lembrou *"Lembro-me quando fui para Caldas Novas com meus pais e irmãos em uma caminhonete com meu pai dirigindo."*

Diante de tantas exigências e itens de segurança necessários e indispensáveis na atualidade, muitos instrutores recordam-se da falta de segurança nos carros na época de suas infância, tais como Wesley que lembrou que não era costume usar sinto de segurança. *"Me*

lembro bem, que quando criança, andávamos soltos dentro do carro, sem cintos de segurança. Lembro que meu pai tinha um carro chamado Caravan, e que eu gostava de andar na parte de trás do carro. Todo solto, achava super divertido as viradas que o carro dava, eu ia de um lado para o outro, morrendo de rir. Era uma diversão pra mim. Hoje, nem pensar disso acontecer."

Dois instrutores revelaram que vivenciaram em suas infâncias situações de encantamento com o trânsito. Marcelo relatou *"Lembro que sempre gostei de carros, sempre quis poder dirigir, lembro de achar muito legal ver caminhoneiros em seus caminhões grandes e imponentes, queria ser igual."* Assim como Marcos *"Na minha cidade de interior eu achava fantástico aqueles carros fazendo cruzamentos nas ruas um obedecendo ao outro. Porque não batiam uns nos outros? Qual a comunicação? Uns se cruzavam com outros? Porque estavam naquelas posições e não em outras?"*

Após tornarem-se instrutores suas memórias transformaram-se... Depois de se tornarem instrutores em suas lembranças sempre relatam situações com seus alunos.

O instrutor Fábio relatou que lembra de todos os alunos, mas em especial recorda-se de uma aluna que teve bastante dificuldades de aprender, mas que com muita força de vontade conseguiu. *"Tive uma aluna que mal sabia escrever seu nome e o ler. Me surpreendi com a determinação e a força de vontade que ela tinha. Passei a me dedicar mais a ela e copiar tudo que eu a transmitia de modo que ela pudesse estudar em casa. De modo a leva-la a êxito e hoje somos grandes amigos e sempre nos falamos. Sabe, quando fazemos o que gostamos e fazemos com amor, Deus nos abençoa. "*

Já a instrutora Aline afirmou que nunca esquecerá uma aluna que aparentemente tinha um jeito angelical, mas que a surpreendeu: *"Fiquei surpresa com uma aluna, que tinha 19 anos, rostinho "angelical" que logo na primeira aula me perguntou se no CFC ela poderia aprender a dar "cavalo de pau". Fiquei por uns dois minutos analisando o que iria falar para ela pra que não ficasse como chata e ela pediu para trocar de instrutor, pois naquele momento, senti necessidade de continuar a dar aula para aquela garota."*

De outro modo, Claiton afirmou que recorda-se dos alunos que fazem perguntas estranhas. *"O que mais me marcou foi um que uma vez disse "porque quando o carro engata*

a marcha ré, o carro vai para traz?", mas também me lembro de outras pérolas, uma vez eu disse pra uma aluna virar o carro para a direita e ela perguntou " Sua direita ou minha direita ?" e outro uma vez disse que " o carro deveria ter um sistema de ascender a luz quando pesar no freio" e eu disse: mas tem a luz de freio no carro. Então são essas pérolas dos alunos que me marcam." Enquanto isso, Caio recordou-se de um aluno que aprontou com ele. "Teve um que aprontou comigo. Cheguei na casa do aluno para dar início às aulas e ele entrou no carro e andamos por uns 10 metros, aí o meu aluno veio correndo atrás do carro. Eles eram gêmeos."

O instrutor João relatou que aconteceu uma situação com uma aluna que o deixou super chateado por sua postura depois de tirar a CNH. Ele conta que sua aluna repetiu um comportamento desrespeitoso e imprudente que tinham cometido com ela quando ainda era aluna. *"Em um dia de aula, uma aluna chamada I., na parada obrigatória parou o carro e no momento de sair, deixou o carro interromper o motor, acabou ficando nervosa, pelo fato de ter um carro atrás, tentou sair de novo e apagou novamente, o carro de traz buzinou e ela começou a tremer e eu tentando acalmar.*

Estava tentando novamente colocar o carro em movimento e o carro de traz buzinou consecutivo, deixando ela extremamente sem condições de sair com o carro, então, ajudei a ligar o carro e a sair e falando "calma, não fiquei nervosa".

Durante a aula, depois do acontecido, ela ficou xingando o condutor que ficou buzinando, ai eu falei para ela que quando ela tirar a carteira, ver carro de auto escola, sai de traz dele, não buzine, você viu como ficou seu emocional", ela então disse "Não professor, eu nunca vou fazer isso".

Após seis meses depois que I. tirou a carteira, estava eu, no mesmo lugar com outra aluna, acontece a mesma coisa que aconteceu com I., mas, pior, o condutor de traz buzinou, buzinou, quando vejo só a arrancada de pneu, passando do meu lado, logo após a frente o semáforo fecha. Eu ligo o carro e coloco o mesmo para andar e falo "Olha o motorista que buzinou e arrancou, parei do lado desse condutor e olhei, não acreditei no que vi, era minha aluna I. , de seis meses atrás.

Olhei e falei:

- Ela: Professor, desculpa!

- Eu: I aconteceu com você no mesmo local

- Ela: Desculpa, desculpa!

A outra aluna admirada fala "era sua aluna?", na hora a I. de branca, ficou vermelha, e eu falei "aconteceu com ela e ela falou que jamais ia fazer uma barbaridade dessa".

Fiquei abismado como o ser humano se esquece o que se passou com ele, na primeira oportunidade, ela repetiu a cena e com seu próprio instrutor."

A força de vontade de umas de suas alunas marcou Sandra profundamente. "Lembro de uma aluna. Essa pessoa começou quando a validade do processo baixou para um ano, antes eram cinco. Durante esse ano essa aluna fazia a prova de quinze em quinze dias. O problema é que ela não progredia. Fazia as provas e não se via nenhum progresso. Nós chegamos a contar pelo menos onze vezes que ela fez a prova nesse ano. Todos no DETRAN já a conheciam. Na sua última tentativa eu falei que se acaso passasse, eu me ajoelharia naquele mesmo lugar e agradeceria a Deus. E foi o que aconteceu. Mas acho que foi aprovada por bondade do examinador. Ela se tornou minha amiga e hoje é por incrível que pareça, uma excelente motorista. Acredito que a questão da prova a deixava travada. A partir daí ela começou a desenvolver a sua habilidade. Hoje dirige para qualquer lugar. Ela me marcou porque foi uma guerreira pra tirar a carteira"

Do mesmo modo, o instrutor Wesley também se encantou com a força de vontade de uma de suas alunas. "Dona F. tinha 60 anos. Era uma pessoa maravilhosa. Toda aula chegava com um lanche para mim. Ela dizia que os filhos tinha casado, o marido não gostava mais de dirigir, e ela se entristecia muito por ter que depender do mesmo. Decidiu então tirar a carteira. A força de vontade dela era surpreendente, apesar das dificuldades e das limitações da idade, ela estava sempre se superando. E quando foi para o exame prático do DETRAN, passou de primeira. Ela voltou na autoescola, muito feliz e agradecida. Me senti reconhecido também com o trabalho que fizemos juntos."

Sentir-se útil e importante na vida de uma aluna que apesar das dificuldades e muitas aulas conseguiu vencer o medo e dirigir fez com que Marcelo não se esquecesse de uma aluna. "Uma juíza que tinha medo de dirigir; ela tinha tanto medo que não conseguia nem

ligar o carro sem chorar, achei que ela nunca conseguiria aprender, pensei que fosse incapaz de acalmá-la, mas com o tempo (muito tempo) ela conseguiu, foi aprovada na avaliação do DETRAN e me agradeceu muito, dizendo que se não fosse por mim, não teria conseguido."

A humildade e a simplicidade de um de seus alunos fez com que Marcos não se esquecesse dele. *"Algo que me surpreendeu foi sua humildade e sua inteligência na forma de aprender com simplicidade o que era lhe ministrado. Um senhor somente alfabetizado, mas de capacidade única. São pessoas como o Sr. Francisco fazer que o instrutor ou professor se dedique cada dia, cada mês, cada ano para um trânsito mais humano."*

Percebe-se notoriamente que as memórias não obedecem uma lógica linear, são atemporais.

A memória não se enraíza somente às continuidades temporais, ela está enraizada nas lembranças, nas discontinuidades, nos traumas e em tantas manifestações humanas, pois esta memória está ligada a um tempo vivo, que rompe com as cronologias lineares presas às tradições e que se abre para o passado e para o futuro, é o tempo onde os acontecimentos estão no âmbito do agora, no tempo dos acontecimentos e dos eventos (PEREIRA, 2011, p.1)

Nos escritos dos instrutores as memórias em relação ao trânsito não se modificam apenas pelo fato de agora este ser o ambiente em que trabalham, mas principalmente porque a memória está sempre se constituindo, não é estática, o tempo todo é atualizada. O trânsito nunca deixou de ser central na memória dos instrutores, mas com o ofício outros sujeitos foram colocados em suas histórias e memórias: seus alunos.

8.4 Ensinar a dirigir: facilidades e dificuldades encontradas

Nas entrevistas autobiográficas os instrutores ponderaram as situações de facilidades e dificuldades encontradas ao ensinar os futuros condutores a dirigir.

A instrutora Aline destacou que a maior dificuldade é a falta de compreensão do atual condutor que um dia já foi aprendiz, mas mesmo assim não respeita quem ainda está aprendendo: *"Ensinar a conduzir veículos automotores é difícil quando temos condutores que mesmo tendo passado pelo processo de aprendizagem, não respeitam o aprendiz, buzina (cometendo infração leve prevista no CTB em seu Art. 227, passível de multa), quando não temos local apropriado e exclusivo para aprendizagem nos primeiros contatos do aluno com o veículo, quando o CFC não dá manutenção aos veículos, quando o aluno não tem interesse em aprender o que é correto e está apenas em busca de aprender o que lhe fará ser aprovado na prova prática e etc."*

Assim como Aline, o instrutor Claiton não consegue ver facilidades e também denuncia a falta de paciência do condutor com o aprendiz. *" Não existe facilidade, mas dificuldade, pois o trânsito complicado e a falta de educação dos demais motoristas dificulta. Exemplo: Quando vai tirar carteira de moto tem uma área específica para eles dirigirem, não precisam enfrentar o trânsito logo de cara. Quem vai tirar carteira de carro , já pega o trânsito direto , o motorista não costuma respeitar carro de autoescola, acaba deixando o aluno nervoso e ele não consegue desenvolver."*

O instrutor Claiton acredita ainda que o trânsito está caótico. *"Na minha opinião o trânsito está caótico, não existe um local seguro para ensinar."* A instrutora Aline também pensa de forma semelhante *"O trânsito é um tanto caótico, não são aplicadas as sanções cabíveis aos infratores que muitas vezes sabem da proibição de determinadas condutas, mas que acabam infringindo a Lei tendo ciência de que nada lhes acontecerá por não existir ali sinalização eficiente e não há fiscalização."*

Moraes (2005) traz que para os professores a dificuldade de alcançar seu objetivo precípua, ou seja, educar, destaca-se como forte fato de sofrimento e com os instrutores não é diferente, nas falas de Aline e Claiton é evidente o mal-estar em relação aos condutores já formados que não respeitam o aprendiz.

Estes condutores um dia passaram por instrutores e lidar com a possibilidade de que nem sempre os alunos aprendem e se tornam condutores bons, pacientes e responsáveis é de fato desencadeador de certo incômodo.

O espaço físico é para o instrutor Paulo uma grande dificuldade e há também os condutores impacientes no trânsito. "São os espaços que ainda encontramos para ministrar aulas, as dificuldades são as pessoas que encontramos que não nos ajudam no trânsito, paciência, etc" O instrutor Marcos complementou: "*Existe uma "incompreensão" de várias partes, o trânsito na cidade hoje é muito complicado, de várias maneiras, muitos carros, os motoristas não se respeitam, muita pressa de condutores e também de pedestres (caos).*".

Ainda sobre as dificuldades, Caio apontou o medo dos condutores "*As pessoas mais velhas têm medo e dificuldade com reflexos, insegurança.*" Já Fábio lembrou das questões trabalhistas como salário, reconhecimento, desvalorização da categoria. Ainda para ele, há também facilidades: "*No meu ponto de vista há facilidade é quando há o interesse do aluno em aprender ou a do instrutor em ensinar. Acho que ser educador de trânsito não é profissão e sim um dom*"

Reconhecer um sentido em seu trabalho faz com que Mauro consiga ponderar as facilidades e dificuldades, transformando o sofrimento em prazer, mas ainda assim revelou que o trânsito está intenso, muitas vezes perigoso e cada vez com mais condutores (muitos deles despreparados para o trânsito.. De acordo com Gernet p. 62 (2011) a transformação do sofrimento em prazer se torna possível pela interpretação do sentido dado à tarefa. "*Encontro facilidade através da minha experiência, da didática ao passar para o aluno meu conhecimento, ajuda bastante. Uma questão também muito importante é o fato dos veículos que utilizo na autoescola estarem com a manutenção em dia. Quanto à dificuldade, me*

adaptar a cada individualidade do aluno às vezes pode ser um pouco complicado. Tenho observado também que tem alunos com uma coordenação na direção, mas que apresenta vícios que comprometem a aprendizagem, gerando mais tempo para ser lapidado, sendo assim uns assimilam e outros não, dificultando o trabalho. A displicência do aluno em relação ao conhecimento teórico compromete a parte prática. Por último e não menos importante a parte emocional como o nervosismo e ansiedade contam muito durante as aulas e a prova. O que mais os alunos trazem é o medo de não conseguir controlar o automóvel."

Na entrevista, em relação às facilidades Wesley aposta na força de vontade do aluno. *"Destaco como uma facilidade, quando a pessoa tem força de vontade e dedicação para as aulas. E vejo como dificuldade, o nervosismo e as barreiras que às vezes o próprio aluno se impõe, quando acredita que não vai conseguir passar na prova prática do DETRAN."* O instrutor Marcos reconhece com uma facilidade o avanço tecnológico. *"A tecnologia avançou bastante. Os carros hoje são ótimos e temos mais recursos."*

Do mesmo modo, Sandra também trouxe em sua fala na entrevista o interesse do aluno em aprender como ponto fundamental, mas também revelou também dificuldades como a falta de estrutura. *"A facilidade que eu vejo é que os alunos que vem até mim estão interessados em aprender. Isso torna a coisa mais fácil. As dificuldades são várias: não temos um local para ficar. Um local com banheiros e proteção contra o sol e a chuva. Muitas vezes dentro do carro, mesmo com a proteção, fica mais quente, tornando em ambiente estressante. Outra coisa é o trânsito: os outros carros não respeitam a gente e hoje há muito mais carros do que havia antes."*

Já o instrutor Marcelo na entrevista autobiográfica revelou que na sua opinião quando o aluno já sabe dirigir, apesar de ser necessário corrigir alguns hábitos, torna-se mais fácil. *"Acontece de o aluno já saber dirigir e aí é mais fácil, pois temos como trabalho corrigir hábitos e manias, para prepara-lo para a avaliação no DETRAN, acontece de muitas pessoas terem facilidade de aprender e pegarem rápido, até quem não tem facilidade mas tem força de vontade e humildade para aprender, facilita o trabalho. Há pessoas difíceis que não tem humildade para aprender e acabam culpando o instrutor por não terem aprendido, muitas*

vezes o trânsito não ajuda, muitas vezes o cansaço e o estresse da gente também não contribuem."

Em sua memória educativa, o instrutor João foi o único que relatou não encontrar dificuldades significativas em seu trabalho. Ele atribui o sucesso ou de seu trabalho a forma como ensina. *"Não encontro dificuldades para ensinar, único segredo é ter paciência, moral e ética"*

Entretanto, em sua entrevista autobiográfica, João relatou sim ter dificuldades: *"com o crescimento da população e o passar do tempo, está ficando cada vez mais complicado, pela estrutura da cidade, a circulação de veículo, está acontecendo congestionamentos durante o horário de pico."*

O mesmo instrutor em situações diferentes teve respostas completamente antagônicas, revelando um mecanismo de defesa muito comum, a negação. Pode ser que as dificuldades enfrentadas sejam tão difíceis de assimilar que o instrutor prefere dizer que não existem já em outro momento, ao falar do trânsito de modo geral, deixou escapar o que realmente pensa. Para Freud (1925, p.266) "negar algo em um julgamento é, no fundo, dizer: 'Isto é algo que eu preferia reprimir.'"

Para uma boa formação para o trânsito os instrutores consideram que algumas características são indispensáveis. João nos trouxe que é necessário uma avaliação prática. *"O indispensável, é o aluno do curso ser avaliado na prática. A situação de ele se colocar no lugar do outro e ser avaliado como aluno de 1ª habilitação. Se ele passar por essa situação de ser avaliado como examinado, ele pode melhor instruir um aluno."*

Enquanto isso, Caio revelou ser indispensável a paciência e o conhecimento da legislação vigente, Daniel relatou achar indispensável a calma do instrutor. Mauro não dispensa o conhecimento teórico e prático de tudo que envolve essa formação. Já a instrutora Sandra também acredita na preparação emocional do instrutor, principalmente na paciência.

"É indispensável a paciência, a educação. Porque existem muitos instrutores não preparados. É necessário a paciência porque o aluno vem com ansiedade de aprender e confia no seu trabalho. Se não tiver paciência pode prejudicar o aluno. Claro que há casos em que você precisa ser mais duro com o aluno, mas mesmo assim perder a paciência não ajuda."

Na entrevista autobiográfica Sandra trouxe que muita coisa mudou desde quando começou a dar aula. *"As pessoas não respeitam principalmente nós que trabalhamos em auto-escola"*.

O instrutor Claiton acredita que o curso deveria ter mais horas aulas. *"Basta ter dois anos de habilitação e categoria B que já pode entrar no curso de instrutor. Acredito que aumentando as horas aulas, o Instrutor estará melhor preparado."* Já o instrutor Fábio vê como indispensável uma avaliação mais rígida para poder ser instrutor, além de domínio e conhecimento teórico-prático. *"Hoje o que vejo são instrutores que não sabem nem montar uma baliza ou mesmo executar uma manobra que ele mesmo tá ensinando é necessário Estágio e um exame mais rígido feito pelos examinadores do Detran.."*

O instrutor Marcos aponta a necessidade de cursos de aperfeiçoamento *"O indispensável é você gostar do que faz e você fazendo com amor (ensinando) o trânsito seria bem mais humano com certeza (disponibilidade de cursos para nos seria ótimo) aperfeiçoar."* De outro modo, Marcelo acredita que está bom do jeito que tem sido *"Aulas práticas, teóricas, estágios supervisionados e cursos de reciclagem."*

A importância do conhecimento da legislação é ressaltada por Wesley. *"Eu penso que é preciso ter um bom conhecimento sobre o CTB- Código de Trânsito Brasileiro que é a legislação de trânsito. Participar quando necessário, de cursos de reciclagens e procurar estar sempre atualizado do contexto de trânsito."*

Por fim a instrutora Aline destaca como sendo de fundamental importância a ética no ensinar. *"É de fundamental importância que o futuro instrutor tenha interesse em repassar o conhecimento adquirido, que seja ético, que não compactue com corrupções de setores públicos que tanto vimos acontecer em nosso país, que tenha responsabilidade e*

compromisso com o candidato-aluno. Aqui em minha cidade, fico entristecida com alguns de meus colegas que fazem uso dos aparelhos celulares enquanto deixam seus alunos dentro do veículo treinando baliza, de cabeça baixa sem se importar com a possibilidade de o aluno perder o controle da direção e acidentarse. E o que dizer de alunos e instrutores que combinam a chamada “validação” onde faz-se a coleta da leitura biométrica e despedem-se reencontrando-se depois de uma ou duas horas aulas para fechar a “validação”.

Nas memórias dos instrutores ficou evidente que assim como os professores estes profissionais vivenciam diversas situações e que as facilidades estão geralmente ligadas a fatores internos e as dificuldades eventos externos, como os outros condutores, falta de estrutura física, curso com poucas horas, falta de cursos de aperfeiçoamento e conhecimento da legislação.

9 Prazer e sofrimento

Os doze instrutores relataram gostar muito da profissão que exercem, entretanto em suas memórias educativas em alguns momentos foi recorrente o relato de insatisfação e falta de reconhecimento profissional. Para Mendes (2007) o reconhecimento é fundamental para a saúde de quem trabalha e para a construção da identidade. Dessa maneira, é possível inferir que os instrutores estejam vivenciando situações de sofrimento.

No entanto, não necessariamente o sofrimento gera adoecimento, de acordo com Mendes e Facas (2010) o sofrimento no trabalho pode funcionar como desencadeador do adoecimento ou como operador fundamental da construção da saúde e busca pelo prazer.

O instrutor Fábio apesar de amar o que faz, sente-se insatisfeito com a questão salarial e a desvalorização da categoria. *"Amo minha profissão. Amo o que eu faço e faço tudo por amor. Não me sinto valorizado pelo salário e pela desvalorização da categoria..Temos que mudar essa realidade, hoje temos instrutores trabalhando ate 18 horas por dia. "*

Estudiosos como Merlo et al. (2011) expõem que, para que ocorra a preservação da saúde, o reconhecimento torna-se algo fundamental, pois possibilita um equilíbrio entre o desgaste derivado do trabalho e as expectativas de retribuição, proporcionando, assim, ao transformar o sofrimento, realização e prazer.

Assim, compreendemos que Fábio não se sente reconhecido, pois demonstra não ver valorização do seu trabalho e o salário não condiz com seu esforço. Para Mendes (2007), o reconhecimento é o processo de valorização do esforço e do sofrimento investido para a realização do trabalho. A vivência de prazer e realização de si advém da possibilidade de construção da identidade do sujeito.

Esse é o sentido expresso também por Sandra e Wesley em suas memórias lembrando o que nos traz Albornoz (2008) é difícil o sujeito moderno dar sentido a sua vida se não for por meio do trabalho, isso ocorre em decorrência do ser humano ser valorizado pelo que faz.

A instrutora Sandra também se sente desvalorizada revelando o que nos traz Soratto (2006) que as vivências positivas são insuficientes para se contraporem à desvalorização sentida. *"Adoro minha profissão, mas não me sinto valorizada. Hoje falta muito respeito com a nossa profissão. Acho que nosso salário é bom, comparado a outros por aí. Mas a responsabilidade que colocam pra gente é muito grande. As pessoas colocam a responsabilidade da sua reprovação nos exames como se fosse nossa. Os alunos querem alguém para culpar pelos seus erros, e aí culpam a gente. Isso não é possível porque nós não estamos com eles na hora do exame. E isso no fundo me deixa um pouco magoada. Falta mais valorização."*

Reconhecer que seu trabalho é importante para a formação do condutor e melhorias no trânsito do país, faz com que Wesley mesmo diante da desvalorização, goste de sua profissão. *"Eu gosto muito da atividade que exerço, pois gosto de trabalhos práticos. E porque sei que somos formadores dos habilitados em trânsito no país. E que muitas vezes também estamos envolvidos nos sonhos de alguns. Pois para muitos, a obtenção da CNH é um sonho. Mas em contrapartida não me sinto valorizado, principalmente pela empresa. No o que tange os nossos salários, são baixos, temos poucas reciclagens que a empresa oferece e penso que isso poderia ser melhorado."*

Do mesmo modo, recorrente às falas já apresentadas, Paulo relata não se sentir valorizado e reconhecido. *"Ninguém se sente valorizado, porque as empresas trabalham visando o que entra. O profissional não é reconhecido, mas estamos mudando esse conceito."*

A busca pela transformação do sofrimento em prazer é latente na fala de João em sua memória educativa quando demonstrou estar satisfeito com seu trabalho. *"A profissão que exerço é com muito gosto, a satisfação e grandes elogios que os alunos fazem e ai fica prazeroso em ajudar uma pessoa a alcançar seus objetivos. Ser instrutor, a cada dia que passa, temos uma novidade, trabalhamos com pessoas, com vários tipos de personalidades. Somente bons instrutores, bem instruídos para fazer bons condutores no futuro."*

Ainda em relação à satisfação no trabalho, o instrutor Daniel apontou que os espaços são inadequados. *"Faz falta instalações adequadas. Tem tenda no plano e em Sobradinho não. Além disso, não tem banheiro e precisa ir na rodoviária."* Situações que Dejours (1992) ressalta: "a satisfação e a insatisfação do trabalhador podem estar vinculadas a aspectos como condições de trabalho (ambiente físico, químico e biológico)."

De acordo com Bertão e Hashimoto (2006) a satisfação está ligada a desejos inconscientes. São vivências precoces de bem estar, que ficam registradas na vida do sujeito e tendem a voltar reeditadas. No trabalho, observamos que a satisfação vem do reconhecimento do esforço, que é conferido não somente pela empresa, mas pela outra pessoa que pode ser o aluno, os pais, os colegas de trabalho.

De outro modo também, Caio apesar de não se sentir valorizado, acha seu trabalho gratificante. "Não me sinto valorizado, mas é gratificante pelos meus alunos, um deles será padrinho da minha filha. Muita coisa precisa mudar. Não existe respeito das pessoas durante as aulas na rua." Para Dejours (2007) o sentimento de satisfação é um processo dinâmico que pode ter influência tanto da organização do trabalho quanto da vida social.

Importante registrar outras falas de instrutores como Aline que se sente orgulhosa da fila de espera de alunos e também valorizada por isso, mas não descarta as desmotivações. De acordo com Lopes (2009) o trabalho é uma relação social, histórica e intersubjetiva, ou seja, se trabalha para dar significado à nossa vida e à sociedade em que se vive. Segundo Barros (2007), trabalhamos para os outros, mas também para nós mesmos. *"Gosto de ser instrutora, no CFC onde trabalho os alunos ficam muitas vezes em fila de espera para serem agendados pra mim (aulas práticas de direção veicular), isso é gratificante, saber que existem futuros condutores querendo aprender com instrutores conhecidos como "cri cri" que pegam no pé para aprenderem a fazer o correto. Há muito a ser mudado sim, principalmente com relação à valorização profissional, mas para isso se tornar real, devemos nos unir. Existem colegas baixando preço de horas aulas e sabemos que a qualidade de ensino também cai, além de ser injusto com quem passa seus dias de folga pesquisando e renovando material didático para levar pra sala de aula."*

A gratidão com o aprendizado dos alunos faz com que Mauro goste muito de sua profissão. Essa gratidão está intimamente ligada ao reconhecimento de utilidade. "O reconhecimento possibilita vivências de prazer e realização de si mesmo a partir do próprio trabalho." (MENDES, 2007, p.5) *"Gosto do que faço porque trabalho num cidadão para transformá-lo em um bom condutor e sinto gratificação por isso. Em partes sinto me valorizado, invisto tempo na busca da ampliação do meu conhecimento com dedicação e afinco. No entanto, verifico que independentemente de fazer isso ou não, sou visto da mesma forma que outro que não busca melhoria. Contudo é muito gratificante o sentimento de dever cumprido através dos meus alunos independente da aprovação deles ou não, receber palavras, sorrisos, mensagens de agradecimento e consideração é muito motivador para mim."*

Ao mesmo tempo que acredita que muito ainda precisa mudar, Marcos revelou que gosta de ver o desenvolvimento dos alunos. *"É muito bom ver o ser humano desenvolvendo-se. Temos muito que melhorar em todos os sentidos (humano, material, etc.).Muito a mudar! Nós precisamos de mudanças constantes. Reciclagens. Os órgãos do governo não funcionam."*

Reconhecemos que tanto Mauro e Marcos não apenas demonstram que se sentem úteis e importantes tendo em vista que reconhecem que trabalham para transformar um cidadão em um bom condutor, quanto contribuem dessa forma para o desenvolvimento do ser humano, reflexões e análises que repercutem, empiricamente os escritos de Dejours (1999) quanto ao reconhecimento também relacionado a alguma utilidade econômica, social.

Embora a questão salarial não seja capaz de definir se o sujeito está em sofrimento no trabalho, acreditar que seu salário condiz com seu esforço gera um sentimento de valorização. O instrutor Claiton relatou gostar muito do que faz e sente-se valorizado, também acredita que o salário é bom. Para que o trabalho seja fonte de saúde, é necessário o reconhecimento do esforço e do investimento que o trabalhador faz em sua tarefa. Esse reconhecimento dá sentido ao sofrimento vivenciado pelos trabalhadores (MENDES, 2007). *"Adoro o que eu faço, em relação a ser valorizado, isso é muito relativo. Não há nada a ser mudado, o salário da categoria é bom, então nesse ponto, acredito que somos valorizados."*

Enquanto isso, Marcelo revelou gostar do que faz, sentir-se valorizado, mas também acredita que possa melhorar. "*Gosto, sinto me valorizado, mas poderia ser melhor. A categoria profissional muitas vezes não se valoriza e não busca aprimorar os conhecimentos, trabalham por dinheiro.*" Bassani (2010) aponta que é através do êxito no trabalho que o sujeito adquire estima social, ou seja, esta estima deriva das realizações de suas capacidades e habilidades no trabalho.

É notável que o gostar da profissão e a satisfação em exercê-la é algo bastante positivo. Quando se faz o que gosta, o profissional é capaz de criar mecanismos de defesa para lutar contra o sofrimento e buscar o prazer. A transformação do sofrimento em prazer se torna possível pela interpretação do sentido dado à tarefa. (GERNET, 2011, p. 62).

De acordo com Lopes (2009) o sofrimento no trabalho ao invés de desestabilizar o sujeito, passa a produzir um aumento da resistência, fazendo com que se articulem estratégias de enfrentamento e se modifiquem as situações desencadeantes. "É o controle do sofrimento, num movimento de luta contra a ruptura do equilíbrio psíquico e, conseqüentemente, da doença" (DEJOURS, 2000, p.65).

Todos os doze instrutores em suas memórias trouxeram o reconhecimento da família e dos amigos como de fundamental importância. "Cada família tem um conjunto de significantes que determinam o dizer de cada sujeito: há uma particularidade familiar." (SOLANO, 1995, p. 120).

O instrutor João relatou perceber o carinho e respeito da família e que gosta quando falam que ele leva jeito para a profissão. Já Paulo relatou que a maioria de seus amigos foram seus alunos.

Apesar de ninguém de sua família trabalhar na área, para Claiton todos avaliam sua profissão de maneira positiva. Claiton também reconheceu o apoio de sua mãe na época que ainda estava fazendo o curso. "*Minha família acha a profissão legal porque ensina o futuro motorista, apesar de ninguém da família ser instrutor. Minha mãe me ajudou a pagar o curso*

e apoiou. Os meus amigos a maioria deles são instrutores também, então acho que percebem bem a profissão."

De acordo com Dias (1995) a forma como os familiares, principalmente os pais, veem e tratam o mundo do trabalho terá grande influência sobre a visão que os filhos desenvolverão sobre as profissões e atuação no mercado de trabalho.

O instrutor Caio é tão implicado em sua profissão que não deixa de ser instrutor mesmo quando não está trabalhando. *"Sou chato porque cobro que todos respeitem as leis. Minha mulher reclama, pois me sinto instrutor 24 horas."*

Assim como Caio, a implicação de Aline com a profissão faz com que seus amigos digam que é chata e que fica cobrando deles o que deveria cobrar apenas de seus alunos. Já seus familiares acham a profissão um pouco desgastante para uma mulher. *"Meus familiares percebem como uma profissão que me desgasta."*

Do mesmo modo que os familiares de Aline, Sandra relatou que sua família não compreende porque continua na profissão devido a grande carga horária *"Chegam a dizer que é um trabalho para "peão", que eu deveria estudar, que estou me acabando no sol quente, envelhecendo mais rápido. Também acho que deveria estudar, mas não tenho tempo, e gosto do que faço. Os amigos são todos instrutores, então enxergam da mesma forma que eu, gostam dessa profissão. Toda profissão tem um lado bom e outro ruim."*

A grande admiração da família de Fábio faz com que ele brinque que seus familiares são seus fãs. *"Meus amigos me acham um bom profissional porque eles sempre indicam alunos pra mim. Meus familiares são meus fãs pois são meus incentivadores."*

As indicações também motivam Wesley a melhorar cada dia mais. *"Acho que eles tem uma boa visão da minha profissão e do o que faço. Pois graças à Deus sempre há indicações e reconhecimentos de alunos e ex-alunos. Isso gera a vontade de a cada dia melhorar mais e mais como instrutor de trânsito."*

Já o instrutor Daniel relatou que seus amigos acham que ele ganha muito dinheiro e seu pais gostam, acham bom. Mauro revelou que seus amigos e familiares gostam e incentivam sua profissão, já os colegas de seu outro trabalho, incentivam que ele abra mão, já que às vezes sente-se desmotivado.

A grande carga horária de trabalho também é motivo de preocupação para a família de Marcelo. Mesmo assim, admiram e respeitam seu ofício. *"Como é uma profissão que exige muito tempo e muita responsabilidade, meus familiares preocupam se quando trabalho muito e questionam se eu não deveria arrumar outro emprego. Mas respeitam e me admiram."*

Por fim, o instrutor Marcos relatou que sua família acha sua profissão perigosa. *"Meus familiares percebem que a profissão é uma grande adrenalina (muita insegurança, perigo) e na realidade não é assim, se torna as vezes divertida mais com muita responsabilidade."*

Percebe-se nesses escritos a importância do apoio familiar. Para Gonçalves e Coimbra (2007) a família é o primeiro e o mais significativo contexto com incidências determinantes na trajetória de escolha profissional.

Nas memórias dos instrutores foi possível perceber que de modo geral os instrutores vivenciam situações de sofrimento ao se depararem com a falta de reconhecimento, desvalorização e a questão salarial. De outro modo, vivenciam também situações de prazer quando se sentem reconhecidos, com a gratidão de seus alunos e o apoio familiar.

Não ficou evidenciado nas memórias que nenhum instrutor está em estado de adoecimento, mas vivenciam esta dicotomia prazer x sofrimento diariamente e apesar de passarem por muitas situações de sofrimento estão buscando também vivenciar o prazer e a saúde no trabalho.

10 (IN) CONCLUSÕES

Ao longo desta pesquisa buscou-se compreender como a trajetória de vida e as marcas de memória implicaram na escolha profissional de instrutores de trânsito e repercutiram em suas práticas educativas.

Procuramos analisar o processo de escolha da profissão e conhecer o trabalho pedagógico realizado pelos instrutores, bem como as facilidades e dificuldades enfrentadas. Nesse sentido utilizamos a entrevista autobiográfica e memórias educativas.

Comprendemos que os motivos que os impulsionaram a escolher a profissão de instrutor de trânsito são inúmeros. Há aqueles que acreditem que foram escolhidos pela profissão, entretanto, independente do motivo, as falas dos instrutores revelaram que todos foram movidos por um desejo, por buscarem preencher algo que "faltava", seja a realização profissional, a questão financeira, a satisfação pessoal, as lembranças da infância.

Percebemos ainda que o trânsito fez parte da vivência destes profissionais desde muito antes da escolha da profissão. Estes sujeitos revelaram experiências marcantes com o trânsito em suas histórias de vida e que de alguma forma influenciaram e atravessaram suas escolhas profissionais.

Reconhecemos que o contexto social foi de suma importância em suas escolhas, mas acreditamos que a relação dos instrutores com o trânsito não foi dada ao acaso. O sentimento de proximidade e encantamento com o trânsito torna essa profissão ainda mais especial, pois assim como um médico preocupa-se com a cura de doenças, o professor em ensinar seus alunos, os instrutores querem um trânsito melhor e mais seguro para todos.

Em relação à formação profissional mesmo que em épocas distintas, lugares diferentes, a maioria dos instrutores encontram um ponto comum. Os instrutores afirmam que o curso de formação por si só não foi suficiente. O dia-a-dia e o exemplo de bons professores contribuíram para que desenvolvessem seus métodos de ensino e avaliação.

Mesmo diante das dificuldades encontradas, sem formação neste sentido e conhecimento da importância de se considerar a subjetividade no processo de ensino x

aprendizagem os instrutores buscam considerar aspectos individuais e revelaram que procuram ficar atentos às evoluções diárias de seus alunos.

Sem métodos pré-definidos de avaliação, nem forma padrão de testar os conhecimentos e habilidades adquiridos por seus alunos, os instrutores investem em maneiras próprias de avaliar seus alunos ao ponderar se estão prontos ou não para enfrentar o trânsito.

Isso parece evidenciar a sensibilidade que estes profissionais possuem e defendendo ainda uma relação de educação e não apenas instrução técnica. Os instrutores de trânsito, assim como os professores em sala de aula, são capazes de marcar seus alunos.

Ressalta-se aqui a importância do Outro na nossa construção intrassubjetiva. Observamos que todos os instrutores relataram que outra pessoa foi de fundamental importância para despertar seu interesse, positiva ou negativamente.

Muitas são as dificuldades e facilidades encontradas ao ensinar a dirigir, os instrutores afirmam que as facilidades geralmente estão ligadas a fatores internos, enquanto as dificuldades de modo geral relacionam-se a questões externas, como falta de estrutura física, curso com poucas horas, falta de cursos de aperfeiçoamento e conhecimento da legislação, remuneração, etc.

Não ficou evidenciado nas escritas de suas memórias de nenhum instrutor estar em estado de adoecimento, também não há hegemonia em relação à maneira como eles se denominam. Eles não sabem se podem ser considerados e/ou reconhecidos como professores, educadores ou simplesmente instrutores. Isso demonstra claramente que existe uma sensação de insegurança em relação ao lugar que ocupam enquanto instrutores de trânsito tanto na sociedade quanto psiquicamente.

Identificamos aqui uma grande dificuldade dos instrutores de trânsito, tendo em vista que nem eles conseguem identificar qual papel e que lugar devem ocupar enquanto instrutores gerando a sensação de falta de reconhecimento. Foi possível perceber também que os instrutores vivenciam situações como desvalorização e insatisfação com a remuneração. No entanto, vivenciam situações de prazer quando se sentem reconhecidos, com a gratidão de seus alunos e o apoio familiar.

Nas memórias das instrutoras não emergiu em momento algum preconceito no exercício da profissão por serem mulheres. Nesta pesquisa, não ficou evidente o preconceito com as instrutoras do sexo feminino, mas isso não quer dizer que não exista. É necessário aprofundamento em outras pesquisas para verificar essa questão pois não se constituía objeto deste estudo.

Os doze instrutores relataram gostar muito da profissão que exercem, entretanto foi recorrente o relato de insatisfação e falta de reconhecimento profissional. A gratidão e o sentimento de utilidade são estratégias comumente utilizadas pelos instrutores para transformar o sofrimento em prazer.

É notável que o gostar da profissão e a satisfação em exercê-la seja algo bastante positivo. Quando se faz o que gosta, o profissional é capaz de criar mecanismos de defesa para lutar contra o sofrimento e buscar o prazer. Os instrutores também trouxeram o reconhecimento da família e dos amigos como de fundamental importância e fonte de motivação.

Por fim, de modo geral, esta pesquisa nos traz um alerta em relação a essa classe de profissionais que por muitas vezes tem seu trabalho ignorado por falta de cumprimento da legislação.

Vale ressaltar também que estes profissionais demonstram sentirem-se responsáveis não apenas para instruir os condutores, mas sobretudo educá-los, o que em nossa leitura transcende o papel designado pela legislação e talvez por isso devemos questionar se estamos valorizando-os, em especial, pela preocupação evidenciada quanto à responsabilidade de proporcionar uma instrução que habilite o desenvolvimento de um condutor de forma mais segura e adequada.

Deste modo, pensamos ainda que esta pesquisa possa apontar para a abertura de outros espaços e reflexões sobre a formação e a história de vida dos instrutores de trânsito e contribuir também para a manutenção de um trânsito mais humano e seguro...

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ALCHIERI, João Carlos; STROEHER, Fernanda. **Avaliação psicológica no trânsito: o estado da arte no Brasil sessenta anos depois**. Em R. M. Cruz, J. C. Alchieri & J. Sardá (Orgs.). Avaliação e medidas psicológicas (pp. 234-345). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

ALMEIDA, Dílson de Souza. **Palestra proferida em 1999**. Disponível em <http://www.denatran.gov.br/download/unidade%202.pdf> acesso em 24 fev. 2015.

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **Os Docentes, a memória educativa e as (im)possíveis conexões com a Psicanálise**. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Das memórias educativas: a emergência da história singular do professor e sua relação com o saber**. In: o declínio dos saberes e o mercado do gozo, 8., 2010, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC02010027&l=en&nrm=abn. Acesso em: 8 Fev 2015

_____. **O lugar da memória de vivências na instituição escolar e a constituição da identidade do professor: (im) possíveis conexões com a psicanálise**. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo. **Anais eletrônicos**. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000320040001033&lng=pt&nrm=abn. Acesso em: 8 Fev 2015

ALMEIDA, Sandra Francesca. **Psicologia, Psicanálise e Educação: três discursos diferentes?** In: Almeida, S.F.C de & Bucher, R (Org): Psicologia e Psicanálise, Brasília: Editora UnB, pp 19 – 31, 1994.

_____. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender.** Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, abr. 1993. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 set 2015.

_____. **A ética do sujeito no campo educativo.** Em S. F. C. de Almeida (Org.). Psicologia Escolar – ética e competências na formação e atuação profissional. São Paulo: Alínea, 2003.

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2001.

BARROS, Maria Elizabeth. **Trabalhador da saúde: muito prazer!** Protagonismo dos trabalhadores na gestão do trabalho em saúde. Ijuí: UNIJUÍ, 2007 (Coleção saúde coletiva).

BASSANI, João Carlos. **Trabalho e reconhecimento: análise das condições de trabalho e reconhecimento na Clínica Odontológica “X”, em Porto Alegre, em 2009.** Conversas e controvérsias, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 40-56. 2010.

BENETTI, Claudia. Educação, **subjetividade e psicanálise: uma interlocução**, 2002.

BERTAIO, Flávia R. B. M.; HASHIMOTO, Francisco. Entre o desejo e o sofrimento psíquico no trabalho: um estudo de caso com professora de educação infantil. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 12, n. 20, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 out. 2015.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos.** Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. 2º ed. Natal: Paulus, 2010.

BIANCHI Alessandra; SUMMALA Heikki. **Édipo encontra seu pai: um conflito de trânsito?** Revista de Psicologia da Vetor Editora, v. 8, nº 1, p. 101-106, Jan./Jun, 2004.

BIANCHI, Alessandra Sant'Anna. **Édipo encontra seu pai: um conflito de trânsito?** .Psic, São Paulo , v. 8, n. 1, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142007000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 fev. 2015.

BLANCHARD-LAVILLE, Claudine. **Os professores entre o prazer e o sofrimento.** São Paulo, Edições Loyola, 2001.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização de Nylson Paim de Abreu Filho. 4. ed. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2002.

BRASIL, Departamento Nacional de Trânsito, **Estatísticas Gerais sobre Trânsito.** Brasília: DENATRAN, 1997.

BRASIL, Departamento Nacional de Trânsito. **Educação de Trânsito no ensino regular.** Disponível em: <http://www.denatran.gov.br/download/unidade%202.pdf>. Acesso em: 1 Fev 2015.

BRASIL, Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. **Institui o Código de Trânsito Brasileiro.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 24 set. 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19503.htm>. Acesso em 24 set 2014.

BRASIL, Conselho Nacional de Trânsito. **Resoluções do CONTRAN.** Disponível em: <<http://www.denatran.gov.br/resolucoes.htm>>. Acesso em: 30 out. 2015.

BRASIL. Lei nº 12.302, de 2 de agosto de 2010. **Regulamentação do exercício da profissão de instrutor de trânsito**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12302.htm> Acesso em: 8 Fev 2015.

BRANT, Luiz Carlos; MINAYO-GOMEZ, Carlos. **A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 9, n. 1, p. 213-223, 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000100021&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232004000100021>

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa. vol. 28 nº 1 São Paulo Jan/Jun 2002.

CARRASQUEIRA, Flora Allain; BARBARINI, Neuzi. **Psicodinâmica do trabalho: uma reflexão acerca do sofrimento mental nas organizações**. Jornada de Saúde Mental e Psicanálise da PUC-PR, 2010.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo; CHAVES PINTO, Paula Julianna. A transmissão da psicanálise na universidade a partir do estudo de casos clínicos. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 15, n. 3, dez. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000300011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 out. 2015.

CASTANHO, Gisela Pires. **O adolescente e a escolha da profissão**. São Paulo: Paulinas, 1988.

CASTRO, Thiele Costa; MERLO, Álvaro Roberto. **Reconhecimento e saúde mental na atividade de segurança pública.** Psico, Porto Alegre, PUCRS, v.42, n.4, p.474-480, out/dez. 2011.

CERESER, Rosenilde; MONIZ, Angela. **Perfil do motorista infrator.** Resumos de Comunicações Científicas da XXVII. Reunião Anual de Psicologia. Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto, São Paulo, 1997.

CHAUVET, Márcia. **Identidade docente e suas implicações no trabalho pedagógico com adolescentes em situação de risco:** uma leitura psicanalítica. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação- UnB, Brasília, 2008.

CNT, Confederação Nacional do Transporte. **Nove em cada dez acidentes, nas BRs, são causados por falhas humanas.** 2015. Disponível em: <<http://www.cnt.org.br/Paginas/index.aspx>.> Acesso em: 10 Fev 2015.

CORASSA, Neuza. **Seu carro: sua casa sobre rodas.** Curitiba: Juruá, 2007.

CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias:** abordagens atuais. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COSTA, Klébia; PAZ, Ana Maria. **O instrutor de condutores de veículos como agente de letramento:** implicações para o funcionamento do trânsito. In: XXIV Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste - GELNE, Natal/RN. Anais XXIV Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste - GELN, p. 1-9, 2012.

DEJOURS, Cristophe. **Entre o desespero e a esperança:** como reencantar o trabalho? CULT, São Paulo, n. 139, set., 2009, pp. 49-53.

_____. **A carga psíquica do trabalho.** In: Dejours C, Abdoucheli E, Jaye C, organizadores. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.* São Paulo (SP): Atlas; 2007. p.21-32.

_____. **A Loucura do trabalho:** Estudo de psicopatologia do trabalho – São Paulo: Cortez – Oboré, 1987: 1992.

_____. **A banalização da Injustiça Social.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. **Conferências brasileiras:** identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Fundap: EAESP/FOV, 1999.

_____. **Subjetividade, trabalho e ação.** Revista Produção, v.14, n.3, p.27-34, 2004.

DIAS, Maria Luiza. **Família e escolha profissional.** In: BOCK, Ana Mercês Bahia. et al. *A escolha profissional em questão.* 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. p.71-92.

DOTTA, Adriana.; DOTTA, Renata. **Acidentes de trânsito: Como evitá-los** (6a ed.). Porto Alegre, 2003.

DRUMOND, Valéria Abritta Teixeira. **O Princípio da Integração do Trabalhador na Empresa no Sistema Jurídico-Constitucional Brasileiro.** Dissertação de Mestrado em Direito do Trabalho da Faculdade Mineira de Direito. PUC-Minas Gerais- MG, 2002.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

FERNANDEZ, Alícia. **O saber em jogo.** Artmed, 2001.

FERRARI, Rosane de Fátima. **Considerações Psicopedagógicas da relação professor aluno.** Revista Ciências Humanas, Frederico Westphalen, 2003.

FERREIRA, Breno de Oliveira; MENESES, Hélem Soares de. **A ética aplicada à psicologia do trânsito.** 25 de Fevereiro de 2012. Disponível em:

<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-do-transito/a-etica-aplicada-a-psicologia-do-transito>. Acesso em: 10 Set de 2015.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Psicanálise e universidade: perspectivas**. **Psicol. USP**, São Paulo, v.12, n.2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01035642001000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso 10 jan. 2015.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. 3ª ed. Brasília: Líber livro, 2008.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação de Sonhos I e II**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (1900/1901). (J.Salomão,trad) (vol 7,pp.564-579). Rio de Janeiro,RJ: Imago, 1996.

_____. **O inconsciente**. In: FREUD, S. Obras completas. (1915). Rio de Janeiro: vol. XIV.Imago, 1996.

_____. **Além do princípio do prazer. Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1920.

_____.**O interesse científico da psicanálise**. 1913. In. Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Análise terminável e interminável**. (1937/1980). Obras completas, ESB, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A dissolução do complexo de Édipo**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX, pp. 215-226). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1924)

_____. Prefácio à Juventude Desorientada de Aichhorn, in **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**.(1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX, p. 305-308.

_____. **A etiologia da histeria**, 1896. In: _____. Primeiras publicações psicanalíticas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 189-220. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3)

_____. **O mal-estar na civilização**, 1930 [1929]. In: _____. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Imago, p. 65-147, 1996.

_____. **A negativa** (1976[1925]). In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

_____. **Lembranças encobridoras**. (1989). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 3, pp. 285-304). Rio de Janeiro: Imago, (Trabalho original publicado em 1899).

_____. **Psicologia de grupo e a análise do ego**. (1921). In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVIII.

_____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Sobre a psicologia escolar. (1914 - v. 13)

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Trad. Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GERNET, Isabelle. **Psicodinâmica do Reconhecimento**. IN: MENDES, A. M.. et.al. *Psicodinâmica e Clínica do Trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros*. Curitiba: Juruá, 2011.

GONCALVES, Carlos Manuel; COIMBRA, Joaquim Luís. **O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos**. *Rev. bras. orientac. prof*, São Paulo , v. 8, n. 1, jun. 2007 . Disponível em . Acesso em: 03 out. 2013

GUIMARAES, Veridiana Canezin; CELES, Luiz Augusto M.. **O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em freud**. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília , v. 23, n. 3, p. 341-346, Sept. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300014&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Oct. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000300014>.

HERRMANN, Fábio. **Teoria dos Campos: uma pequena história**. *J. psicanal.*, São Paulo, v.40, n.73, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 24 nov. 2014.

HERRMANN, Fabio. **O que é psicanálise - para iniciantes ou não**. São Paulo: HePsiché, 1999.

HOFFMANN, Maria Helena. **Comportamento do condutor e fenômenos psicológicos**. *Psicologia: pesquisa e trânsito*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 17-24, dez. 2005.

HOFFMANN, Maria Helena. LUZ FILHO, Silvio Serafim. **A educação como promotora de comportamento socialmente significativos no trânsito**. In: HOFFMANN, M. H.; CRUZ, R.

M.; ALCHIERI, J. (Orgs.). *Comportamento humano no trânsito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 105- 109.

INSTRUTOR. In: **Novo Aurélio**: dicionário de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000. Disponível em <http://www.dicionariodalinguaportuguesa.com.br>. Acesso em: 8 fev. 2015

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. Práticas interdisciplinares de pesquisa. In: R.V. Serbino (Org.) **Formação de professores**. São Paulo: UNESP, p.309-320, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. **O Papel do Professor na Sociedade Digital**. Em: Castro, A D de & Carvalho, A M.P de (Org). *Ensinar a Ensinar. Didática para a Escola Fundamental e Média* (pp.95-106), 2001.

KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o futuro**: psicanálise e educação. 2ª ed. São Paulo: Escuta, 2001.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989. (Série: Pensamento e Ação no Magistério).

KUPFER, Maria Cristina. **O Desejo de Saber**: uma teoria freudiana da aprendizagem. In: *Freud e a Educação - o Mestre do Impossível*. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

LACERDA SEGUNDA, Katarina Maria Matos de. **Memorial**: uma escrita de si. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação- UnB, Brasília, 2011.

LAJONQUIERE, Leandro de. **Infância e ilusão (psico)pedagógica**. Escritos de Psicanálise e Educação. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LOPES, Denise Maria Quatrin. **Prazer, sofrimento e estratégias defensivas dos agentes comunitários de saúde no trabalho**. [Dissertation]. Santa Maria: Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria; 2009.
- MALDANER, Jair. **O inconsciente na prática pedagógica**. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação- UnB, Brasília, 2009.
- MEDEIROS, Bárbara. **O infantil na psicanálise: implicações na formação de professores e alunos**. Monografia de Graduação - Faculdade de Educação- UnB, Brasília, 2011.
- MELLO JORGE, Maria Helena Prado; GAWRYSZEWSKI, Vilma Pinheiro; LATORRE, Maria do Rosário **Análise dos dados de mortalidade**. Rev Saúde Pública. v. 31, pp. 5-25, 1997.
- MENDES, Ana Magnólia (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: Teoria, Método e Pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a.
- MENDES, Ana Magnólia et al (Org) **Diálogos em Psicodinâmica do Trabalho**. Brasília, DF: Paralelo 15, 2007b.
- MENDES, Ana Magnólia. **Aspectos Psicodinâmicos da Relação Homem-Trabalho: as contribuições de C. Dejours**. Psicologia, Ciência e Profissão, p. 34-38, 1995.
- MENDES, Ana Magnólia; FACAS, Emílio Peres. Transgressão do trabalho prescrito como estratégia para transformar o sofrimento – estudo da inteligência prática. In: MENDES, A. M. et al. **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá. 2010.

- MERLO, Alvaro Roberto Crespo; TRAESEL, Elisete Soares; BAIERLE, Tatiana Cardoso. **Trabalho imaterial e contemporaneidade:** um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; Rio de Janeiro, 63 (no.sp.e.): p. 1-104, 2011.
- MILLOT, Catherine. **Freud Antipedagogo.** Buenos Aires: Paidós, 1979.
- MORAES, Rosângela Dutra de. **Prazer e sofrimento no trabalho docente:** estudo com professoras de ensino fundamental em processo de formação superior. **Rev. Psicol., Organ. Trab.,** Florianópolis, v. 5, n. 1, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572005000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 out. 2015.
- MORCH, Odair Cezar; BALEN, Sheila. **Opinião de instrutores de trânsito sobre o exame de audiometria na obtenção e renovação da carteira nacional de habilitação.** *Revista CEFAC*, Enero-Marzo, 114-122, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169320516017>> Acesso em: 8 Dez 2014.
- MOTA, Janaina, BOMFIM, Adriana Pereira and NETO, Nastassja Silva. **Memória educativa e formação profissional a distancia: os (des)caminhos de uma escolha..** In: FORMACAO DE PROFISSIONAIS E A CRIANCA-SUJEITO, 7., 2008, São Paulo. **Proceedings online...** Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032008000100040&lng=en&nrm=abn>. Access on: 31 Oct. 2015
- MRECH, Leny Magalhães. Afinal o que é educar? In: MRECH, L. N. (Org.). **O impacto da Psicanálise na Educação.** São Paulo: Avercamp, 2005.
- NASIO, Juan-David. **O prazer de ler Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NÓVOA, Antônio (Coord.). Os professores e a sua formação. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Alexandra Santos Leal; VIEIRA, Deborah Paulo. **A psicologia do trânsito e sua interface no transporte coletivo**. 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.15/GT_015_02_2010.pdf Acesso em 8 set 2014.

OLIVEIRA, Antônia Maria de Fátima. **Carteira nacional de habilitação para menores de dezoito anos**. Consultoria legislativa, 2009. Disponível em:< file:///C:/Users/hp-PC/Downloads/documento_habilitacao_oliveira%20(1).pdf> Acesso em: 8 Dez 2014.

OLIVEIRA, Lígia; MELLO JORGE, Maria Helena. **Análise epidemiológica das causas externas em unidades de urgência e emergência em Cuiabá/Mato Grosso**. Rev. bras. Epidemiol., v.11, n.3, p. 420-430, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2008000300009>. Acesso em 8 set 2014.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10ª revisão. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

PAIM, Rose Maria. **A escolha profissional sob um olhar psicanalítico**. Revista Recrearte nº07, seção VI. 2007 Disponível em:<http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte07/Seccion6/6.ESCOLHA%20PROFISSIONAL%20SOB%20UM%20OLHAR%20PSICANAL%20C3%8DTICO.pdf>

PAIN, Sara. **A Função da Ignorância - a Gênese do Inconsciente**. Vol. 2, Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

PAVARINO FILHO, Roberto Victor. **Morbimortalidade no trânsito**: limitações dos processos educativos e contribuições do paradigma da promoção da saúde ao contexto brasileiro. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 18, n. 4, dez. 2009. Disponível em <[http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-](http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742009000400007&lng=pt&nrm=iso)

49742009000400007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 maio 2015.

<http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742009000400007>.

PEREIRA, Nelci Bilhalva. **Memória: continuidades ou discontinuidades?** Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Mídia, 2011.

PEREIRA, Sérgio. **Direitos trabalhistas dos instrutores de trânsito**. E-book. 2014.

Disponível em: <http://pt.slideshare.net/caletro/e-book-direitos-trabalhistas-dos-instrutores-de-trnsito> Acesso em 20 set 2015.

PRAZERES, Sandra Mary G. **Constituição da Subjetividade Docente**: implicações na prática educativa. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação- UnB, Brasília, 2007.

ROZESTRATEN, Reinier J.A.. Psicologia do trânsito: o que é e para que serve. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 1, n. 1, jan. 1981. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931981000100006&lng=pt&nrm=iso)

98931981000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2015.

ROZESTRATEN, Reinier. **Violência no trânsito II**. In: Tupinambá, A. C. R. (Org.). Estudos de Psicologia do Trânsito (pp.51-61). Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003.

ROZESTRATEN, Reinier. **Psicologia do Trânsito: conceitos e processos básicos**. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo. 1988.

SAFRA, Gilberto. **Investigação em Psicanálise na Universidade**. São Paulo , v. 12, n. 2, 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 Fev 2015.

SIMIONI, Viviane. **Educação e Trânsito: uma mistura que dá certo**. Monografia (Especialização em Trânsito). Pontifícia Universidade Católica do Paraná PUC. Curitiba. PR. Brasil, 2007.

SOLANO, Suárez. **Família e função**. In: Revista de psiquiatria psicanalítica de crianças e adolescentes. Belo Horizonte: 3 Julho/dezembro, 1995

SORATTO, Lúcia Helena. **Quando o trabalho é na casa do outro: um estudo sobre empregadas domésticas**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: .Acesso em: 23 de março de 2015

SOUZA, Elizeu Clementino. **Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial**. In: SOUZA, E. C.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). Histórias de vida e formação de professores. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008. p. 89-98.

SPELLER, Maria. **Psicanálise e Educação. Caminhos cruzáveis**. Brasília: Plano, 2004.

TANIS, Bernardo. **Memória e temporalidade: sobre o infantil e em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995

TEIXEIRA, Leônia C. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva**. São Paulo, vol. 14, n.1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-5642003000100004>. Acesso em: 8 Fev 2015.

TEIXEIRA, Maria. **Habilidades de relacionamento interpessoal**. 2ª Edição. São Paulo. Ed. do Autor. Clube de autores, 2014.

APÊNDICE

ENTREVISTA AUTOBIOGRÁFICA

1. Nome:
2. Idade:
3. Como você se vê?
4. Como as pessoas te veem?
5. Como gostaria de ser?
6. Suas melhores qualidades e seus maiores defeitos?
7. Como é sua vida social?
8. O que você faz nas horas de folga?
9. Recordações (agradáveis) e desagradáveis.
10. Qual sua formação acadêmica?
11. Porquê você decidiu ser instrutor de trânsito? o que te motivou a escolher essa profissão?
12. O que você acha que é indispensável para a formação profissional de instrutores de trânsito?
13. Quais são as facilidades e dificuldades encontradas ao ensinar a dirigir?

ELABORAÇÃO DA MEMÓRIA EDUCATIVA

Prezado/a instrutor,

Apresentamos a oportunidade de realizar uma viagem ao passado através da elaboração de sua memória educativa, resgatando sua trajetória escolar no intuito de registrar a influência das experiências vividas em sua escolha profissional.

Como base na sua trajetória escolar, a sequência das significativas experiências e vivências assimiladas como sujeito-aluno é um material riquíssimo do qual você mesmo, como sujeito histórico, possui os registros. Esse resgate pode ser o ponto inicial para o processo de construção e reconstrução da sua identidade como instrutor de trânsito. Inspirado na sabedoria do grande mestre Guimarães Rosa, entregue-se à elaboração e análise reflexiva de sua Memória Educativa:

“Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazerem balance, de se remexerem dos lugares. O que eu falei não foi exato? Foi. Mas terá sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado”.
(Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas)

Propomos que elabore sua Memória Educativa, como um “reolhar” dessa trajetória e reorganize criticamente suas representações e sentimentos que marcaram sua caminhada como aluno até os dias atuais e que se inscrevem hoje na sua forma de ser e estar no mundo.

Sugestão de um possível percurso para a elaboração da sua Memória Educativa:

- Inicialmente percorra suas sensações, quer sejam visuais, olfativas, auditivas, táteis, afetivas e tantas outras que constituem suas experiências infantis. Registre tudo.
- Retome seu processo de escolarização (desde as séries iniciais) pontuando:
- o/a professor/a de que mais, ou menos, gostou;
- as disciplinas com as quais mais se identificou e aquelas em que teve grandes dificuldades (quanto à aprendizagem);
- os conteúdos aprendidos prazerosamente ou dolorosamente;

- como os conteúdos foram ensinados/ aprendidos e metodologias que deixaram marcas positivas e negativas;
- as relações professor-aluno;
- Presentifique sua análise, observando:
- situações envolvendo o trânsito na infância;
- o trânsito depois que se tornou instrutor;
- o modo como você ensina;
- a relação com seus alunos;
- a forma de avaliação;
- percepção de seus familiares
- razões que determinaram sua escolha profissional a partir dessa vivência e do seu processo de formação;
- Por fim, responda: Você gosta de ser instrutor? Considera-se instrutor ou professor?

Escreva sem limites de espaço para o seu registro. Uma boa viagem através dos caminhos mnemônicos da sua historicidade.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Prezado(a) Instrutor,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de Mestrado em Educação- UnB intitulada "Educação para o trânsito e o papel dos instrutores: uma leitura psicanalítica." feita pela pesquisadora Bárbara Menezes de Medeiros e orientação da Professora Dr^a Inês Maria Marques Pires Z. Almeida.

Esta pesquisa possui apenas fins acadêmicos, sendo de livre escolha sua participação.

Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica. As informações fornecidas por você serão confidenciais. Os nomes não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados. Se você tiver qualquer dúvida em relação ao trabalho a ser realizado, por favor, telefone para a pesquisadora: Bárbara Menezes de Medeiros. Telefone:(061)81588161.

Este documento foi elaborado em duas vias, um ficará com o pesquisador responsável e a outra com os sujeitos da pesquisa.

Assinatura Participante

Assinatura Pesquisadora Bárbara Menezes de Medeiros

Assinatura Orientadora Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Brasília, ____ de _____ de 2015